

CONHECIMENTO DE PLANEJAMENTO FINANCEIRO NO GAMA-DF

Geraldo Cardoso Moitinho*

Fellipe Santos Lima*

RESUMO

Trata de estudo de caso acerca do conhecimento de empresários do Gama sobre planejamento financeiro, a fim de contribuir para a construção de ambientes organizacionais melhor estruturados pecuniariamente. Utilizou-se para estudo de caso empresas da QI 07 do Setor de Indústrias do Gama-DF e foram identificados seguimentos *empresariais* e análise financeira (administração, planejamento, orçamento) das mesmas. Foram analisadas 39 empresas onde foi identificada sua importância econômica para a região, além das práticas de administração financeira. O resultado demonstrou ser satisfatório. Alguns conhecimentos sobre determinados elementos, porém, ainda precisam ser melhoradas como custo, despesas, estrutura financeira e maximização dos ativos. O controle financeiro, no entanto, precisa ser informatizado, pois 43,60% ainda utilizam anotações em cadernetas; 33,33% estão informatizando seu sistema e 15,38% não possuem nenhuma forma de controle.

Palavras-Chave: Planejamento financeiro – Gama, DF, Administração Financeira, Planejamento, Controle de custos.

Geraldo Cardoso Moitinho

Mestre em Gestão em Auditoria e Gestão Ambiental, Faculdades Integradas da União Educacional do Planalto Central – FACIPLAC

Fellipe Santos Lima

Aluno de Graduação das Faculdades Integradas da União Educacional do Planalto Central - FACIPLAC

INTRODUÇÃO

O presente artigo objetivou identificar por meio de estudo de caso, se os empresários do Gama possuíam conhecimento acerca do planejamento financeiro, bem como contribuir para construção de ambientes organizacionais fortes e estruturados em tempos de turbulência financeira. Entretanto, não se reservou o estudo nos benefícios locais, mas para futuros empreendedores que possivelmente possuam algumas dúvidas acerca do problema apresentado.

Atualmente, o mundo evolui por meio da economia baseada nas empresas estruturadas em caixa¹. Tudo estar convergente em torno desses ambientes financeiros, que são a base para a alavancagem financeira, pois, organizações com alto grau de liquidez crescerão comprando as empresas que tem ausência de dinheiro, ou passam por crises financeiras, ou em última instância tem recursos financeiros para construir outras Unidades de Negócios.

O objetivo principal do presente artigo é identificar se os empresários da quadra, QI 07 do Setor de Indústrias do Gama-DF, tem conhecimento sobre Administração financeira. E para tal, é necessário dividir este objetivo principal em objetivos específicos. São eles:

realizar o levantamento de informações sobre a administração financeira com as empresas da quadra QI 07 do Setor de Indústrias do Gama-DF; identificar os seguimentos de atividades empresariais da quadra QI 07 do Setor de Indústrias do Gama-DF; e elaborar um relatório sobre o diagnóstico de administração financeira da quadra QI 07 do Setor de Indústrias do Gama-DF.

Mas no Gama-DF, a maioria das empresas não sobrevive nos primeiros anos, justamente pela falta de uma serie de fatores que sustentam uma empresa. Os mais verificados são: a) falta de planejamento financeiro; b) ausência de capital de giro; c) entendimento sobre as necessidades dos clientes e, d) falta de profissionalismo na gestão dos recursos disponíveis.

Para a consecução dos objetivos deste estudo, baseou-se no planejamento financeiro, que é instrumento essencial de gestão de negócios para empresas que vislumbram vida longa no cenário econômico. Ele atua a priori, na formulação das políticas financeiras da empresa, auxiliando os gestores no estudo de quais serão as oportunidades de negócios futuros, bem como quais áreas ele poderá atuar, estabelecendo viabilidades em novos empreendimentos.

REFERENCIAL

Administração Financeira

Essa área da Administração é uma das áreas mais importantes da empresa. Está entre as primeiras em graus de influência no interior de sua gestão. Uma empresa bem estruturada é uma empresa que possui um planejamento de suas atividades e de suas finanças. Mas não quer dizer que este planejamento não pode se modificar ao longo dos períodos, pois, na atualidade tudo têm se transformado em uma velocidade incrível.

A Administração financeira é o combustível de uma empresa, podendo ser de qualquer porte, grande; médio ou pequeno. Pois, é nesse ambiente aonde se irá discutir o futuro da empresa. Sem essa área, fica quase que impossível fazer planos.

Com uma Administração Financeira bem realizada e com os resultados positivos que ela trará, é possível investir na empresa. Visto que, sabendo o que se passa em seu interior fica absolutamente mais simples o processo de inovação. Por meio disso, a empresa poderá criar novos planos, reestruturar os já existentes,

melhorar as atividades operacionais do ambiente e etc.

Outra definição é dada por Lemes Júnior, Rigo e Cherobim (2010, p.4) “A administração financeira é a arte e a ciência de administrar recursos financeiros para maximizar a riqueza dos acionistas”. Toda atividade financeira está intimamente ligada aos retornos que deverão vir em um espaço de tempo.

Planejamento Financeiro

Atualmente, o termo planejar vem sendo usado por muitas pessoas nos seguimentos industriais, comerciais e de serviços, devido o seu grau de importância na elaboração das empresas em questão. É importante pelo fato de que, é nesse planejamento onde se vai estruturar uma empresa.

Com um bom planejamento feito, a empresa terá uma composição sólida para eventuais problemas no futuro. Destaca-se nesse ambiente, uma ferramenta de essencial importância que é o planejamento financeiro, é nele onde se estão guardados todo o futuro da empresa.

Esse planejamento financeiro tem como o objetivo de viabilizar os objetivos e perspectivas da empresa, com essa ferramenta, os estudos feitos *a priori* serão facilitados pelo uso da mesma. Que é de total significância no ambiente de trabalho.

Todos os objetivos para serem alcançados precisam primeiramente, serem estudados para depois serem colocados em prática. É nesse contexto que entra o planejamento financeiro, ele age nesse estudo para que se tenha certeza de que os objetivos requeridos sejam viáveis para a empresa.

A conceituação de planejamento financeiro para Lemes Júnior, Rigo e Cherobim (2010, p.445) é dividida, traz em primeiro lugar o conceito de planejamento que é “Planejamento é o processo de estabelecer objetivos ou metas, determinando a melhor maneira de atingi-las.” Ainda para esses autores, eles acreditam ainda que, este planejamento é de total importância para o administrador financeiro, pois, será por meio dele que se fará o controle da organização.

Para Lemes Júnior, Rigo e Cherobim (2010) o termo planejamento financeiro é chamado por esses autores como Planejamento econômico-financeiro. Para eles, esse

planejamento financeiro contribui para definir objetivos e fixar alguns padrões de avaliação de resultados, é, portanto, a ferramenta adequada para o estudo da viabilidade da empresa.

A respeito sobre o processo de planejamento econômico-financeiro é citado por Lemes Júnior, Rigo e Cherobim (2010) como um desenvolvimento feito por meio de um tratamento realizado fase por fase dos dados obtidos, que *a posteriori*, serão incluídos no planejamento da empresa, para que se tenha, as possíveis aparições dos resultados. Ao final deste processo formará o plano financeiro.

Hoji (2010) também retrata planejamento financeiro como planejamento orçamentário, que por sua vez, divide esse tema em duas vertentes. Define planejamento como um processo que se faz, para anteceder ações que possam influenciar no futuro, estimando recursos a ser utilizados, atribuindo trabalho, para atingir os objetivos estabelecidos.

Segundo Brigham e Ehrhardt (2010) o plano financeiro pode ser descrito em seis partes básicas. A primeira parte diz respeito às projeções de demonstrações financeiras e com esses dados recolhidos fazer na análise dos efeitos do plano

operacional sobre os lucros e os índices financeiros.

A segunda parte relaciona-se aos fundos necessários para sustentar a empresa em determinado tempo, estabelecido pela empresa. A terceira parte é a previsão de disponibilidade dos fundos retirados na parte dois, ou seja, estimar os fundos internamente e externamente.

A quarta parte é instituir um sistema para fazer um controle e sustentá-lo sobre a alocação e o uso dos fundos dentro da empresa. Essa parte só poderá ser confiável se o plano básico estiver em ordem. A quinta parte é o desenvolvimento de processos para corrigir no plano básico, as projeções passadas que, até então não se concretizaram. E a sexta parte é criar um sistema, para premiar a administração com base na sua *performance*.

Lemes Júnior, Rigo e Cherobin (2010) ainda comentam a importância da informática nesse processo de planejamento financeiro. Que a informática trouxe grandes facilidades para a obtenção de resultados relacionados às atividades da empresa. Apresentando assim, grande rapidez, agilidade e ao mesmo tempo, com muitos detalhes.

Micro Empresa

As microempresas juntamente com pequenas empresas, trazem para o Brasil uma grande parcela da evolução da economia, são segmentos onde estão depositadas nossa capacidade de crescer. São nessas empresas de menor porte aonde se empregam as pessoas emergentes da nossa sociedade.

Em busca de evolução e melhores oportunidades, esses trabalhadores levam consigo as empresas em que trabalham a um outro patamar, tornando um processo de extrema relevância social. Deixando assim, ambas as partes satisfeitas, o empregador estará ajudando o empregado a evoluir e melhorar, e este por sua vez, fará com que a empresa em que trabalhe evolua consigo.

Ultimamente, o Governo Federal tem feito diversas modificações para que os novos microempresários possam ter uma melhor estrutura para atuar nas áreas tanto industriais, quanto comerciais. O incentivo que tem acontecido é de extrema importância para a continuidade deste processo de evolução. Este apoio dado vem com toda certeza ajudar e

viabilizar algumas oportunidades que as pessoas possam ter.

E para os novos microempresários existe uma ferramenta muito importante para auxiliá-los. O Sebrae tem ajudado diversas empresas a darem os seus primeiros passos. Esta instituição atua de forma a facilitar os processos para abrir uma empresa. Detém, portanto, o conhecimento específico.

Orçamento de Caixa

O orçamento de caixa é uma ferramenta de extrema importância para área financeira, bem como para demais áreas, pois, está presente em todas. É por meio deste instrumento em que o administrador financeiro tem o controle de tudo que entra e de tudo que sai do caixa da empresa. Por isso, o cuidado em lidar com esta ferramenta é tão complicado.

Orçamento de caixa é caracterizado como sendo uma operação de curto prazo, englobado por diversas outras explicitadas anteriormente. Essa afirmativa é confirmada por Lemes Júnior, Rigo e Cherobin (2010, p.460) “A projeção do fluxo de caixa ou orçamento de caixa é o instrumento utilizado pelo administrador financeiro com a finalidade de verificar as

entradas e saídas de caixa previstas para determinado período [...]”.

Orçamento de caixa é conceituado por Ross, Westerfield e Jordan (2010, p.424) por “Uma projeção das entradas e saídas de caixa para o período de planejamento seguinte”. Para esses autores, orçamentos de caixa é um instrumento em curto prazo do administrador financeiro, para a identificação de oportunidades futuras e eventuais necessidades.

Para Assaf Neto (2010) o orçamento de caixa são todas aquelas projeções feitas pela empresa em relação as suas necessidades de caixa, fazendo assim, o levantamento de todas as entradas e saídas registradas pela empresa. Isso poderá ajudar o administrador financeiro a analisar o nível de caixa da empresa e realizar os possíveis erros presentes neste processo.

Para Lemes Júnior, Rigo e Cherobin (2010) conceituam esse método para a utilização para uma prévia preparação do orçamento de caixa, a partir do orçamento operacional ou da demonstração de resultados. Com isso estabeleceu-se um período de abrangência pelo orçamento de caixa, podendo ser de um ano, ou meses.

Para Ross, Westerfield e Jordan (2010) a elaboração do orçamento de caixa irá depender da política da empresa. Podendo ser, anual, semestral, trimestral e etc. Esses autores afirmam

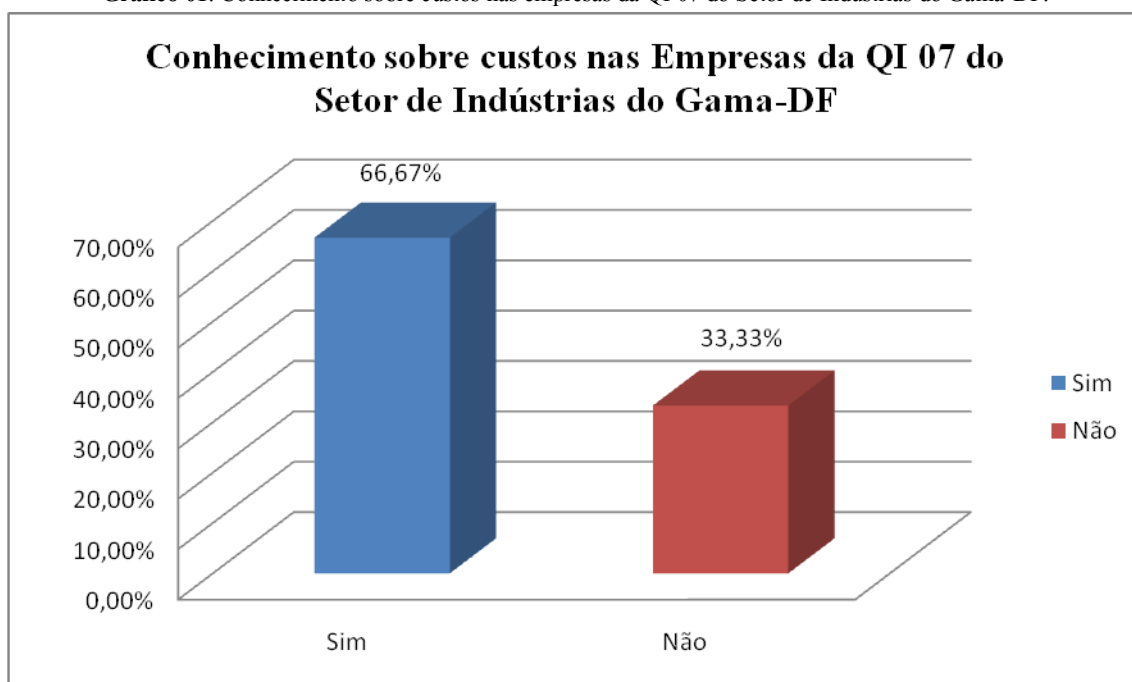
que, as vendas feitas pelo orçamento de caixa são apenas previsões, e quando falamos em previsões tudo pode acontecer.

ESTUDO DE CASO

Em se tratando das atividades operacionais do dia a dia, o conhecimento sobre custos faz-se extremamente necessário para que se tenha uma administração adequada e segura. Na QI 07 do Setor de Indústrias do Gama-DF, o percentual daqueles que possuem o conhecimento sobre custo, demonstra-se razoavelmente favorável, com 66,67% do total da pesquisa.

Entretanto, o restante, 33,33% são as empresas que não sabem o que são custos. Um percentual preocupante para os empresários da QI 07 do Setor de Indústrias do Gama-DF. Pois, saber o que significa e o que representa custos, é essencial para ter sucesso no empreendimento. A falta deste conhecimento poderá acarretar diversas conseqüências. Que na maioria das vezes, não serão agradáveis.

Gráfico 01: Conhecimento sobre custos nas empresas da QI 07 do Setor de Indústrias do Gama-DF.

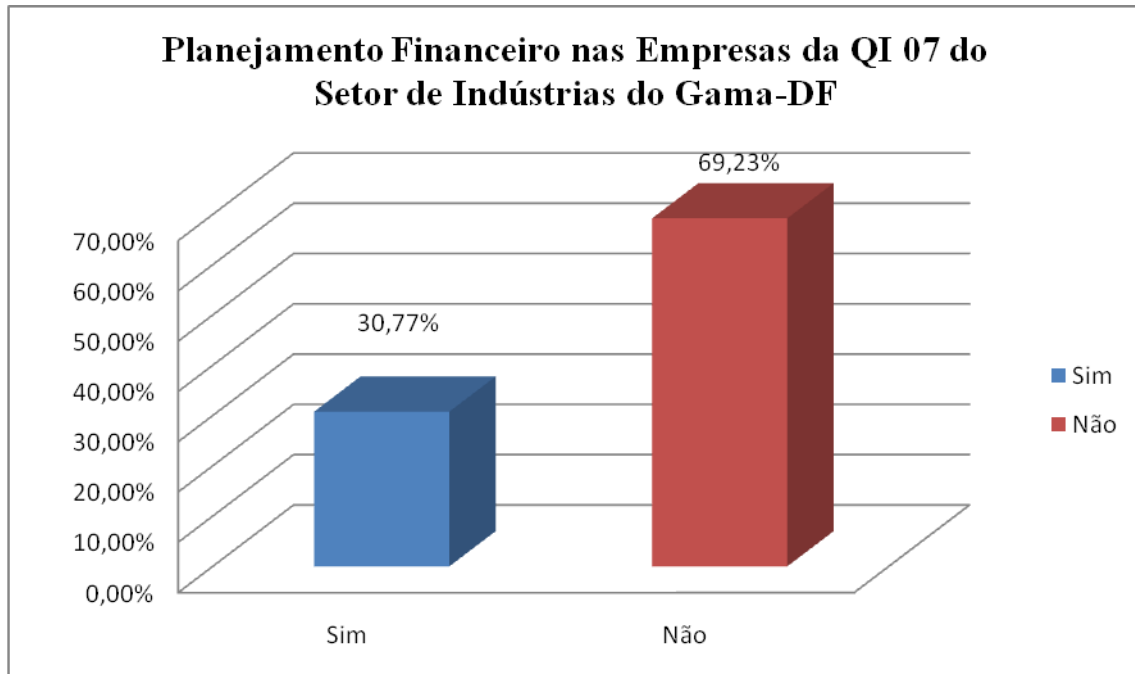


Fonte: Dados da pesquisa.

As possíveis consequências, como o desperdício de materiais, as compras indevidas, dentre outras, agravam ainda mais a situação da empresa. A partir destas ocorrências, ocorreram distúrbios no dia a dia da empresa. Por exemplo, com o excesso de materiais, o estoque com a absoluta certeza sofrerá. A vista de que, não se terá espaço para acomodar esses itens.

A respeito da conceituação do planejamento financeiro, para Lemes Júnior, Rigo e Cherobim (2010, p. 445) é “Planejamento é o processo de estabelecer objetivos ou metas, determinando a melhor maneira de atingi-las”. O resultado adquirido em relação ao planejamento financeiro na QI 07 do Setor de Indústrias do Gama-DF deixou a desejar. As empresas que não fazem o uso desta ferramenta totalizam-se 69,23% de toda a pesquisa. Um número muito aquém do esperado.

Gráfico 2 - Planejamento Financeiro nas empresas da QI 07 do Setor de Indústrias do Gama-DF.



Fonte: Dados da pesquisa

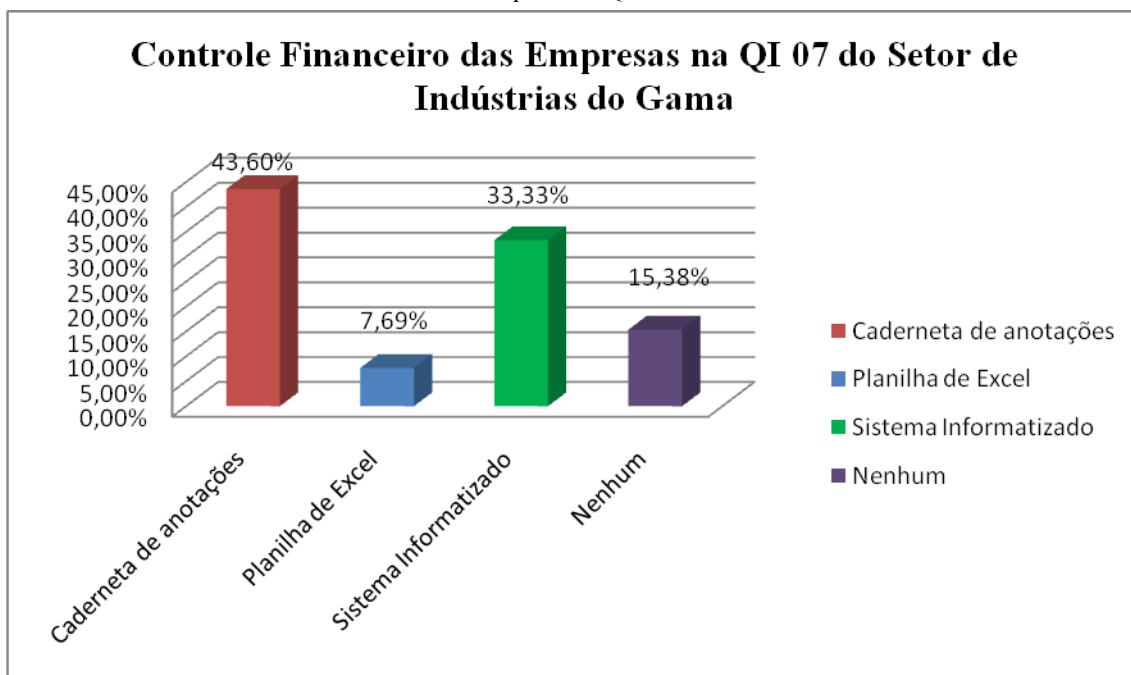
Portanto, vê-se que, as empresas contabilizam lucro. Mas, de uma forma não planejada. O que dificulta bastante à administração do ambiente. Favorecendo assim, a aparição de problemas no dia a dia.

O número obtido pelas empresas que fazem o uso do planejamento financeiro é de 30,77%. Um percentual consideravelmente baixo para a atual estrutura em que essas empresas estão inseridas. Apenas essa pequena parcela das empresas, pensam para agir. O que é muito triste, porque, esse é um fator que contribui substancialmente para um fechamento precoce do negócio.

Dentre os procedimentos de mais importância na gestão das empresas, tanto nas grandes, como nas médias e pequenas, o controle feito por meio de ferramentas como, os sistemas informatizados, as planilhas de Excel, e até mesmo as cadernetas de anotações, se faz muito necessário para uma boa gerência.

Na pesquisa realizada na QI 07 do Setor de Indústrias do Gama-DF, os resultados foram satisfatórios. Mas, pode-se melhorar. Principalmente, em relação às empresas que ainda possuem a caderneta de anotações, que um método antigo que propicia diversos erros, o percentual obtido foi de 43,60% da pesquisa.

Gráfico 03: Controle financeiro das empresas na QI 07 do Setor de Indústrias do Gama-DF.



Fonte: Dados da pesquisa

No item seguinte, a planilha de Excel apareceu com o total de 7,69%, um número muito baixo devido à importância desta ferramenta. E com 33,33% da pesquisa, o sistema informatizado teve um bom desempenho. Entretanto, a de se ressaltar que, um grande percentual das empresas na QI 07, cujo valor é de 15,38%, não utilizam nenhum instrumento de controle. O que acentua bastante o perigo de descontrole.

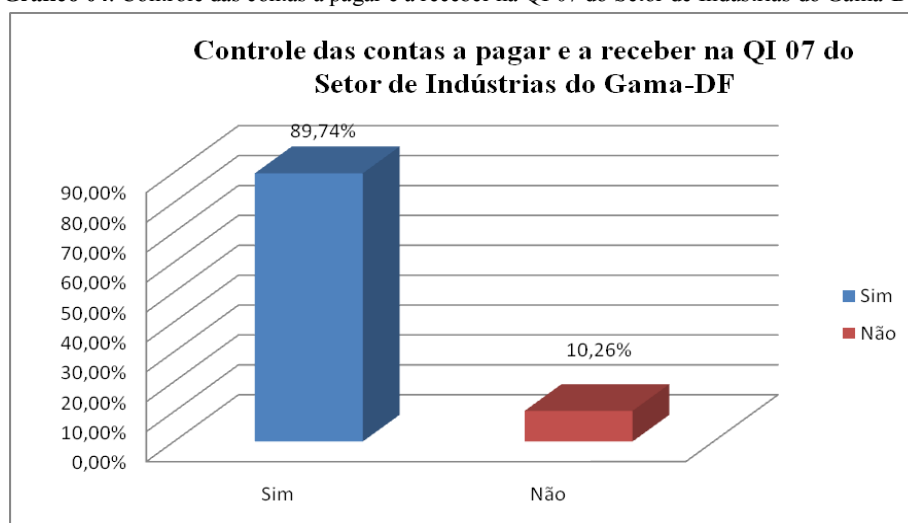
Diante das dificuldades de administrar um negócio, o controle do que se ganha, e do que se paga, entra definitivamente nos fatores em que se requer mais empenho e atenção por parte do empresário. Possuem uma essencialidade muito grande em uma empresa. Na teoria, essa questão é estudada no orçamento de caixa, contendo as

entradas e saídas. Que é definido por Ross, Westerfield e Jordan (2010, p.424) da seguinte forma “Uma projeção das entradas e saídas de caixa para o período de planejamento seguinte”.

O resultado da pesquisa na QI 07 do Setor de Indústrias do Gama-DF foi excelente. As empresas que detêm o controle de suas contas representam o índice de 89,74%. O que as torna sólidas e preparadas para possíveis problemas.

Mas 10,26% das empresas na quadra, ainda não praticam tal ação, que se mostra tão importante para a empresa. Esse número em relação às demais empresas é consideravelmente pequeno. Mas somados a outras empresas de outras regiões, este percentual só aumenta. Agravando ainda mais a situação das mesmas.

Gráfico 04: Controle das contas a pagar e a receber na QI 07 do Setor de Indústrias do Gama-DF.



Fonte: Dados da pesquisa

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio da pesquisa realizada, se tornou possível tirar conclusões acerca da identidade financeira de algumas empresas situadas na QI 07 do Setor de Indústrias do Gama-DF, no total foram pesquisadas 39 empresas, que remete ao percentual de 48.75% do universo. O que de certa forma, é muito importante para futuros empreendedores, políticos e quaisquer outras pessoas que queiram realizar algum tipo de projeto na área.

Este trabalho identificou vários traços, tanto do perfil econômico, quanto do perfil social do Gama. Atingindo-se, portanto, o objetivo geral abordado no trabalho, que era de identificar se os empresários da QI 07 do Setor de Indústrias do Gama-DF, fazem o uso das práticas da Administração Financeira.

A partir dos dados obtidos com a pesquisa, se fez possível o conhecimento do potencial financeiro da QI 07 do Setor de Indústrias do Gama-DF. Recolhendo assim, dados referentes às receitas e despesas mensais. Um dado, até então, muito complicado de se obter. Pois, quando se trata de valores, os empreendedores tem receio de divulgar este tipo de informação. Em se tratando de conhecimentos específicos da administração financeira, o resultado encontrado foi satisfatório. Mas, demonstrou

que as empresas daquele setor podem crescer com sustentabilidade financeira, porque um percentual considerável de empresas não sabem o que são custo, despesas, estrutura financeira, a maximização dos ativos. O que deixa uma margem para que se ocorra problemas financeiros no futuro.

Em contrapartida, 69,23% delas, não usam uma ferramenta essencial para a sobrevivência, o chamado planejamento financeiro. Que, por sua vez, é o conjunto de atividades voltadas para a prevenção de atitudes a serem tomadas em um futuro próximo, ou nem tão próximo assim. Objetivando alcançar as metas estabelecidas anteriormente.

O controle financeiro das empresas se mostrou um pouco antigo, 43,60% ainda usam a caderneta de anotações, o que é eficaz ao seu modo. Entretanto, corre-se muito risco de esquecer-se de alguma informação. Um grande percentual vem se modificando e informatizando o seu controle. É o caso do sistema informatizado com o total de 33,33%. Mas, ainda 15,38% não obtém nenhuma forma de controle, o que se torna muito perigoso atualmente.

REFERÊNCIAS

BRIGHAM, Eugene F.; EHRHARDT, Michael C. **Administração financeira: teoria e prática**. São Paulo: Cengage Learning, 2006. 1044 p. Tradutor: SALAZAR, José Nicolás Albuja; CUCCI, Suely Sonoe Murai.

HOJI, Masakazu. **Administração financeira e orçamentária**. 8. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2010. 570 p.

LEMES JÚNIOR, Antônio Barbosa; RIGO, Cláudio Miessa; CHEROBIN, Ana Paula Mussi Szabo. 3. ed. **Administração financeira: princípios, fundamentos e práticas brasileiras**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010. 547 p.

ASSAF NETO, Alexandre. **Finanças corporativas e valor**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010. 760 p.

ROSS, Stephen A.; WESTERFIELD, Randolph W.; JORDAN, Bradford D. **Princípios da administração financeira**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2010. 527 p.

CONHECIMENTO DE PLANEJAMENTO FINANCEIRO NO GAMA-DF

Geraldo Cardoso Moitinho*

Fellipe Santos Lima*

RESUMO

Trata de estudo de caso acerca do conhecimento de empresários do Gama sobre planejamento financeiro, a fim de contribuir para a construção de ambientes organizacionais melhor estruturados pecuniariamente. Utilizou-se para estudo de caso empresas da QI 07 do Setor de Indústrias do Gama-DF e foram identificados seguimentos *empresariais* e análise financeira (administração, planejamento, orçamento) das mesmas. Foram analisadas 39 empresas onde foi identificada sua importância econômica para a região, além das práticas de administração financeira. O resultado demonstrou ser satisfatório. Alguns conhecimentos sobre determinados elementos, porém, ainda precisam ser melhoradas como custo, despesas, estrutura financeira e maximização dos ativos. O controle financeiro, no entanto, precisa ser informatizado, pois 43,60% ainda utilizam anotações em cadernetas; 33,33% estão informatizando seu sistema e 15,38% não possuem nenhuma forma de controle.

Palavras-Chave: Planejamento financeiro – Gama, DF, Administração Financeira, Planejamento, Controle de custos.

Geraldo Cardoso Moitinho

Mestre em Gestão em Auditoria e Gestão Ambiental, Faculdades Integradas da União Educacional do Planalto Central – FACIPLAC

Fellipe Santos Lima

Aluno de Graduação das Faculdades Integradas da União Educacional do Planalto Central - FACIPLAC

INTRODUÇÃO

O presente artigo objetivou identificar por meio de estudo de caso, se os empresários do Gama possuíam conhecimento acerca do planejamento financeiro, bem como contribuir para construção de ambientes organizacionais fortes e estruturados em tempos de turbulência financeira. Entretanto, não se reservou o estudo nos benefícios locais, mas para futuros empreendedores que possivelmente possuam algumas dúvidas acerca do problema apresentado.

Atualmente, o mundo evolui por meio da economia baseada nas empresas estruturadas em caixa¹. Tudo estar convergente em torno desses ambientes financeiros, que são a base para a alavancagem financeira, pois, organizações com alto grau de liquidez crescerão comprando as empresas que tem ausência de dinheiro, ou passam por crises financeiras, ou em última instância tem recursos financeiros para construir outras Unidades de Negócios.

O objetivo principal do presente artigo é identificar se os empresários da quadra, QI 07 do Setor de Indústrias do Gama-DF, tem conhecimento sobre Administração financeira. E para tal, é necessário dividir este objetivo principal em objetivos específicos. São eles:

realizar o levantamento de informações sobre a administração financeira com as empresas da quadra QI 07 do Setor de Indústrias do Gama-DF; identificar os seguimentos de atividades empresariais da quadra QI 07 do Setor de Indústrias do Gama-DF; e elaborar um relatório sobre o diagnóstico de administração financeira da quadra QI 07 do Setor de Indústrias do Gama-DF.

Mas no Gama-DF, a maioria das empresas não sobrevive nos primeiros anos, justamente pela falta de uma serie de fatores que sustentam uma empresa. Os mais verificados são: a) falta de planejamento financeiro; b) ausência de capital de giro; c) entendimento sobre as necessidades dos clientes e, d) falta de profissionalismo na gestão dos recursos disponíveis.

Para a consecução dos objetivos deste estudo, baseou-se no planejamento financeiro, que é instrumento essencial de gestão de negócios para empresas que vislumbram vida longa no cenário econômico. Ele atua a priori, na formulação das políticas financeiras da empresa, auxiliando os gestores no estudo de quais serão as oportunidades de negócios futuros, bem como quais áreas ele poderá atuar, estabelecendo viabilidades em novos empreendimentos.

REFERENCIAL

Administração Financeira

Essa área da Administração é uma das áreas mais importantes da empresa. Está entre as primeiras em graus de influência no interior de sua gestão. Uma empresa bem estruturada é uma empresa que possui um planejamento de suas atividades e de suas finanças. Mas não quer dizer que este planejamento não pode se modificar ao longo dos períodos, pois, na atualidade tudo têm se transformado em uma velocidade incrível.

A Administração financeira é o combustível de uma empresa, podendo ser de qualquer porte, grande; médio ou pequeno. Pois, é nesse ambiente aonde se irá discutir o futuro da empresa. Sem essa área, fica quase que impossível fazer planos.

Com uma Administração Financeira bem realizada e com os resultados positivos que ela trará, é possível investir na empresa. Visto que, sabendo o que se passa em seu interior fica absolutamente mais simples o processo de inovação. Por meio disso, a empresa poderá criar novos planos, reestruturar os já existentes,

melhorar as atividades operacionais do ambiente e etc.

Outra definição é dada por Lemes Júnior, Rigo e Cherobim (2010, p.4) “A administração financeira é a arte e a ciência de administrar recursos financeiros para maximizar a riqueza dos acionistas”. Toda atividade financeira está intimamente ligada aos retornos que deverão vir em um espaço de tempo.

Planejamento Financeiro

Atualmente, o termo planejar vem sendo usado por muitas pessoas nos seguimentos industriais, comerciais e de serviços, devido o seu grau de importância na elaboração das empresas em questão. É importante pelo fato de que, é nesse planejamento onde se vai estruturar uma empresa.

Com um bom planejamento feito, a empresa terá uma composição sólida para eventuais problemas no futuro. Destaca-se nesse ambiente, uma ferramenta de essencial importância que é o planejamento financeiro, é nele onde se estão guardados todo o futuro da empresa.

Esse planejamento financeiro tem como o objetivo de viabilizar os objetivos e perspectivas da empresa, com essa ferramenta, os estudos feitos *a priori* serão facilitados pelo uso da mesma. Que é de total significância no ambiente de trabalho.

Todos os objetivos para serem alcançados precisam primeiramente, serem estudados para depois serem colocados em prática. É nesse contexto que entra o planejamento financeiro, ele age nesse estudo para que se tenha certeza de que os objetivos requeridos sejam viáveis para a empresa.

A conceituação de planejamento financeiro para Lemes Júnior, Rigo e Cherobim (2010, p.445) é dividida, traz em primeiro lugar o conceito de planejamento que é “Planejamento é o processo de estabelecer objetivos ou metas, determinando a melhor maneira de atingi-las.” Ainda para esses autores, eles acreditam ainda que, este planejamento é de total importância para o administrador financeiro, pois, será por meio dele que se fará o controle da organização.

Para Lemes Júnior, Rigo e Cherobim (2010) o termo planejamento financeiro é chamado por esses autores como Planejamento econômico-financeiro. Para eles, esse

planejamento financeiro contribui para definir objetivos e fixar alguns padrões de avaliação de resultados, é, portanto, a ferramenta adequada para o estudo da viabilidade da empresa.

A respeito sobre o processo de planejamento econômico-financeiro é citado por Lemes Júnior, Rigo e Cherobim (2010) como um desenvolvimento feito por meio de um tratamento realizado fase por fase dos dados obtidos, que *a posteriori*, serão incluídos no planejamento da empresa, para que se tenha, as possíveis aparições dos resultados. Ao final deste processo formará o plano financeiro.

Hoji (2010) também retrata planejamento financeiro como planejamento orçamentário, que por sua vez, divide esse tema em duas vertentes. Define planejamento como um processo que se faz, para anteceder ações que possam influenciar no futuro, estimando recursos a ser utilizados, atribuindo trabalho, para atingir os objetivos estabelecidos.

Segundo Brigham e Ehrhardt (2010) o plano financeiro pode ser descrito em seis partes básicas. A primeira parte diz respeito às projeções de demonstrações financeiras e com esses dados recolhidos fazer na análise dos efeitos do plano

operacional sobre os lucros e os índices financeiros.

A segunda parte relaciona-se aos fundos necessários para sustentar a empresa em determinado tempo, estabelecido pela empresa. A terceira parte é a previsão de disponibilidade dos fundos retirados na parte dois, ou seja, estimar os fundos internamente e externamente.

A quarta parte é instituir um sistema para fazer um controle e sustentá-lo sobre a alocação e o uso dos fundos dentro da empresa. Essa parte só poderá ser confiável se o plano básico estiver em ordem. A quinta parte é o desenvolvimento de processos para corrigir no plano básico, as projeções passadas que, até então não se concretizaram. E a sexta parte é criar um sistema, para premiar a administração com base na sua *performance*.

Lemes Júnior, Rigo e Cherobin (2010) ainda comentam a importância da informática nesse processo de planejamento financeiro. Que a informática trouxe grandes facilidades para a obtenção de resultados relacionados às atividades da empresa. Apresentando assim, grande rapidez, agilidade e ao mesmo tempo, com muitos detalhes.

Micro Empresa

As microempresas juntamente com pequenas empresas, trazem para o Brasil uma grande parcela da evolução da economia, são segmentos onde estão depositadas nossa capacidade de crescer. São nessas empresas de menor porte aonde se empregam as pessoas emergentes da nossa sociedade.

Em busca de evolução e melhores oportunidades, esses trabalhadores levam consigo as empresas em que trabalham a um outro patamar, tornando um processo de extrema relevância social. Deixando assim, ambas as partes satisfeitas, o empregador estará ajudando o empregado a evoluir e melhorar, e este por sua vez, fará com que a empresa em que trabalhe evolua consigo.

Ultimamente, o Governo Federal tem feito diversas modificações para que os novos microempresários possam ter uma melhor estrutura para atuar nas áreas tanto industriais, quanto comerciais. O incentivo que tem acontecido é de extrema importância para a continuidade deste processo de evolução. Este apoio dado vem com toda certeza ajudar e

viabilizar algumas oportunidades que as pessoas possam ter.

E para os novos microempresários existe uma ferramenta muito importante para auxiliá-los. O Sebrae tem ajudado diversas empresas a darem os seus primeiros passos. Esta instituição atua de forma a facilitar os processos para abrir uma empresa. Detém, portanto, o conhecimento específico.

Orçamento de Caixa

O orçamento de caixa é uma ferramenta de extrema importância para área financeira, bem como para demais áreas, pois, está presente em todas. É por meio deste instrumento em que o administrador financeiro tem o controle de tudo que entra e de tudo que sai do caixa da empresa. Por isso, o cuidado em lidar com esta ferramenta é tão complicado.

Orçamento de caixa é caracterizado como sendo uma operação de curto prazo, englobado por diversas outras explicitadas anteriormente. Essa afirmativa é confirmada por Lemes Júnior, Rigo e Cherobin (2010, p.460) “A projeção do fluxo de caixa ou orçamento de caixa é o instrumento utilizado pelo administrador financeiro com a finalidade de verificar as

entradas e saídas de caixa previstas para determinado período [...]”.

Orçamento de caixa é conceituado por Ross, Westerfield e Jordan (2010, p.424) por “Uma projeção das entradas e saídas de caixa para o período de planejamento seguinte”. Para esses autores, orçamentos de caixa é um instrumento em curto prazo do administrador financeiro, para a identificação de oportunidades futuras e eventuais necessidades.

Para Assaf Neto (2010) o orçamento de caixa são todas aquelas projeções feitas pela empresa em relação as suas necessidades de caixa, fazendo assim, o levantamento de todas as entradas e saídas registradas pela empresa. Isso poderá ajudar o administrador financeiro a analisar o nível de caixa da empresa e realizar os possíveis erros presentes neste processo.

Para Lemes Júnior, Rigo e Cherobin (2010) conceituam esse método para a utilização para uma prévia preparação do orçamento de caixa, a partir do orçamento operacional ou da demonstração de resultados. Com isso estabeleceu-se um período de abrangência pelo orçamento de caixa, podendo ser de um ano, ou meses.

Para Ross, Westerfield e Jordan (2010) a elaboração do orçamento de caixa irá depender da política da empresa. Podendo ser, anual, semestral, trimestral e etc. Esses autores afirmam

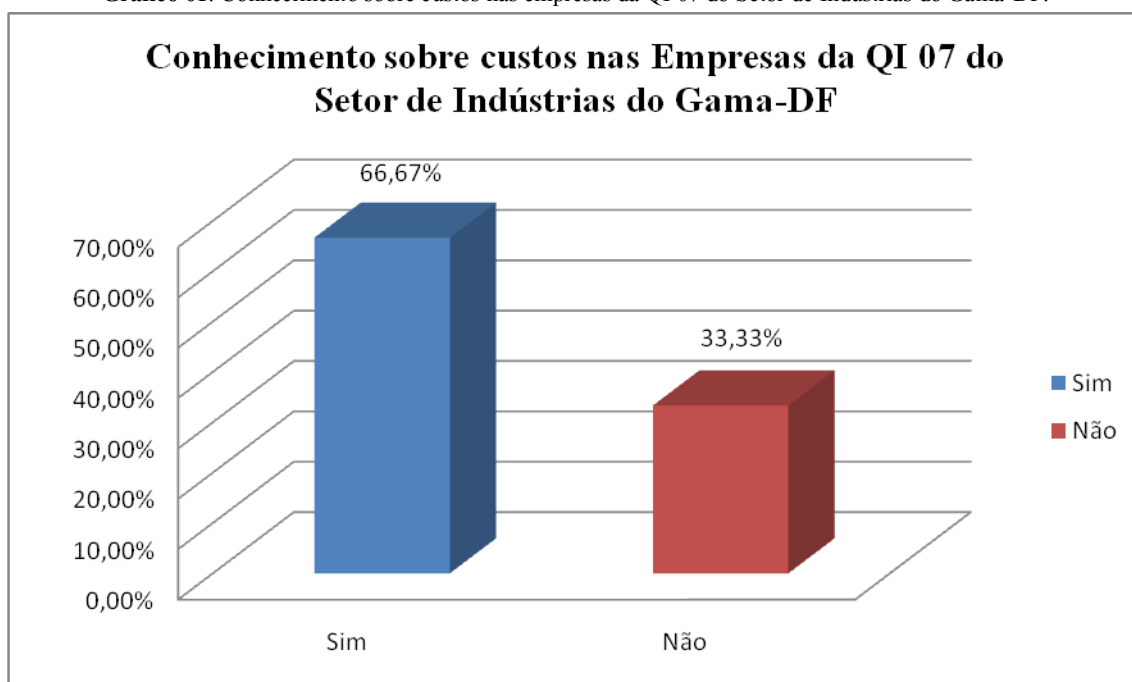
ESTUDO DE CASO

Em se tratando das atividades operacionais do dia a dia, o conhecimento sobre custos faz-se extremamente necessário para que se tenha uma administração adequada e segura. Na QI 07 do Setor de Indústrias do Gama-DF, o percentual daqueles que possuem o conhecimento sobre custo, demonstra-se razoavelmente favorável, com 66,67% do total da pesquisa.

que, as vendas feitas pelo orçamento de caixa são apenas previsões, e quando falamos em previsões tudo pode acontecer.

Entretanto, o restante, 33,33% são as empresas que não sabem o que são custos. Um percentual preocupante para os empresários da QI 07 do Setor de Indústrias do Gama-DF. Pois, saber o que significa e o que representa custos, é essencial para ter sucesso no empreendimento. A falta deste conhecimento poderá acarretar diversas conseqüências. Que na maioria das vezes, não serão agradáveis.

Gráfico 01: Conhecimento sobre custos nas empresas da QI 07 do Setor de Indústrias do Gama-DF.

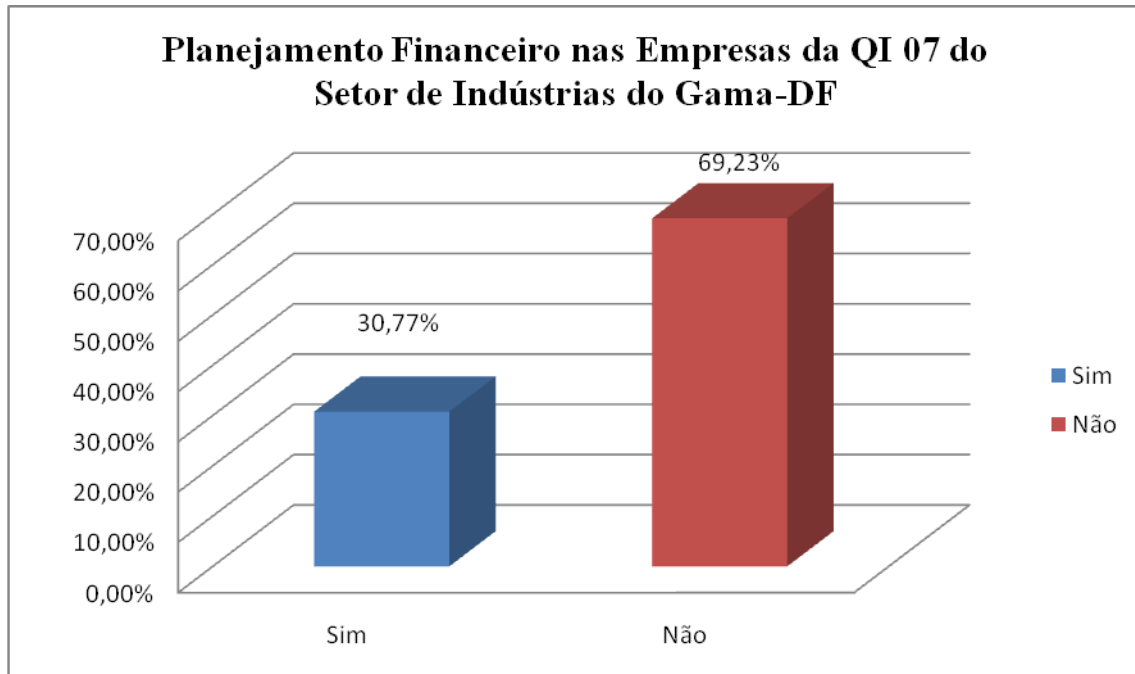


Fonte: Dados da pesquisa.

As possíveis consequências, como o desperdício de materiais, as compras indevidas, dentre outras, agravam ainda mais a situação da empresa. A partir destas ocorrências, ocorreram distúrbios no dia a dia da empresa. Por exemplo, com o excesso de materiais, o estoque com a absoluta certeza sofrerá. A vista de que, não se terá espaço para acomodar esses itens.

A respeito da conceituação do planejamento financeiro, para Lemes Júnior, Rigo e Cherobim (2010, p. 445) é “Planejamento é o processo de estabelecer objetivos ou metas, determinando a melhor maneira de atingi-las”. O resultado adquirido em relação ao planejamento financeiro na QI 07 do Setor de Indústrias do Gama-DF deixou a desejar. As empresas que não fazem o uso desta ferramenta totalizam-se 69,23% de toda a pesquisa. Um número muito aquém do esperado.

Gráfico 2 - Planejamento Financeiro nas empresas da QI 07 do Setor de Indústrias do Gama-DF.



Fonte: Dados da pesquisa

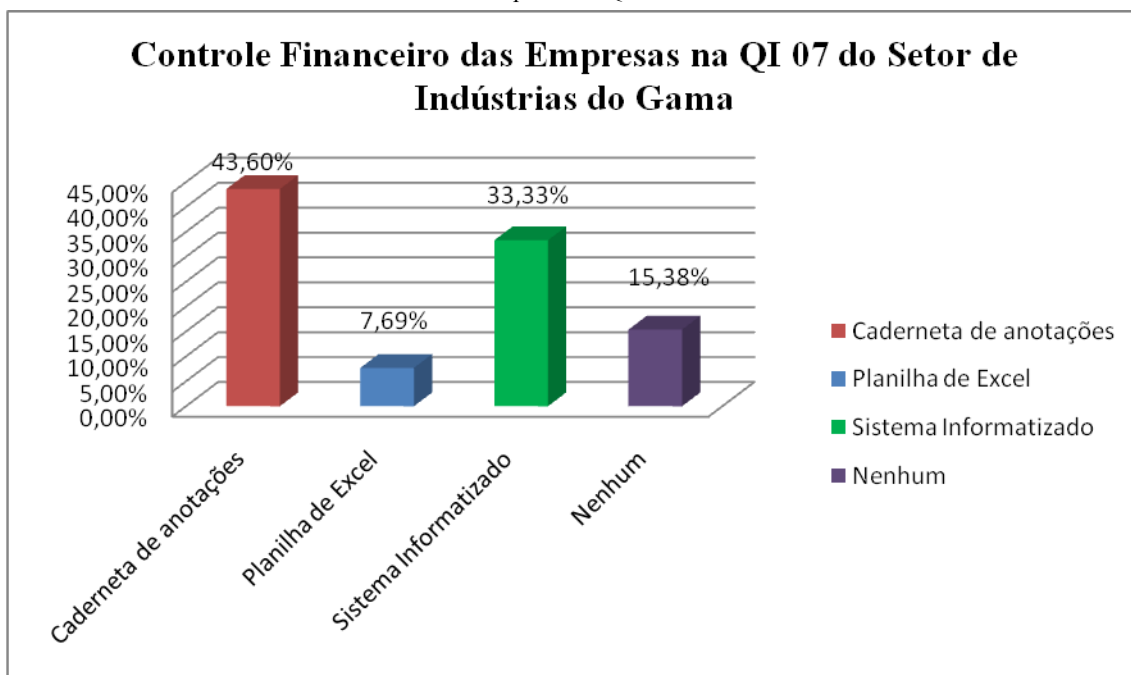
Portanto, vê-se que, as empresas contabilizam lucro. Mas, de uma forma não planejada. O que dificulta bastante à administração do ambiente. Favorecendo assim, a aparição de problemas no dia a dia.

O número obtido pelas empresas que fazem o uso do planejamento financeiro é de 30,77%. Um percentual consideravelmente baixo para a atual estrutura em que essas empresas estão inseridas. Apenas essa pequena parcela das empresas, pensam para agir. O que é muito triste, porque, esse é um fator que contribui substancialmente para um fechamento precoce do negócio.

Dentre os procedimentos de mais importância na gestão das empresas, tanto nas grandes, como nas médias e pequenas, o controle feito por meio de ferramentas como, os sistemas informatizados, as planilhas de Excel, e até mesmo as cadernetas de anotações, se faz muito necessário para uma boa gerência.

Na pesquisa realizada na QI 07 do Setor de Indústrias do Gama-DF, os resultados foram satisfatórios. Mas, pode-se melhorar. Principalmente, em relação às empresas que ainda possuem a caderneta de anotações, que um método antigo que propicia diversos erros, o percentual obtido foi de 43,60% da pesquisa.

Gráfico 03: Controle financeiro das empresas na QI 07 do Setor de Indústrias do Gama-DF.



Fonte: Dados da pesquisa

No item seguinte, a planilha de Excel apareceu com o total de 7,69%, um número muito baixo devido à importância desta ferramenta. E com 33,33% da pesquisa, o sistema informatizado teve um bom desempenho. Entretanto, a de se ressaltar que, um grande percentual das empresas na QI 07, cujo valor é de 15,38%, não utilizam nenhum instrumento de controle. O que acentua bastante o perigo de descontrole.

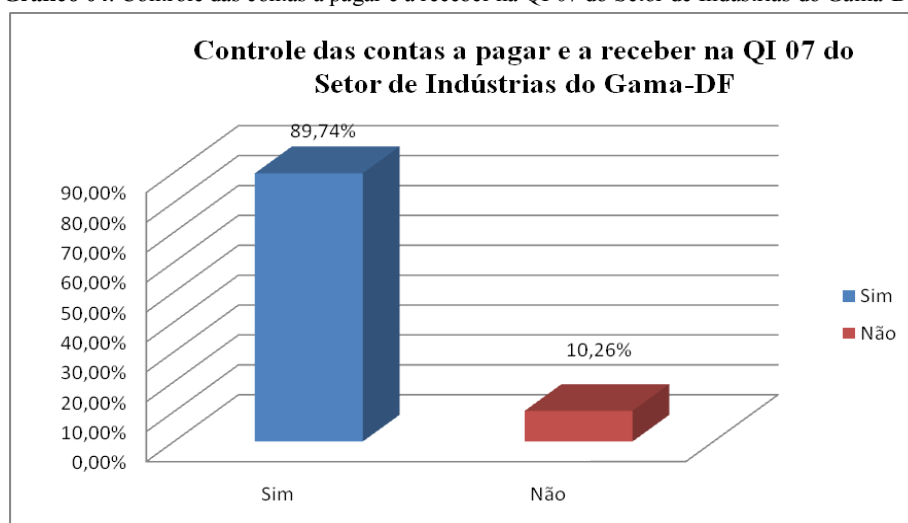
Diante das dificuldades de administrar um negócio, o controle do que se ganha, e do que se paga, entra definitivamente nos fatores em que se requer mais empenho e atenção por parte do empresário. Possuem uma essencialidade muito grande em uma empresa. Na teoria, essa questão é estudada no orçamento de caixa, contendo as

entradas e saídas. Que é definido por Ross, Westerfield e Jordan (2010, p.424) da seguinte forma “Uma projeção das entradas e saídas de caixa para o período de planejamento seguinte”.

O resultado da pesquisa na QI 07 do Setor de Indústrias do Gama-DF foi excelente. As empresas que detêm o controle de suas contas representam o índice de 89,74%. O que as torna sólidas e preparadas para possíveis problemas.

Mas 10,26% das empresas na quadra, ainda não praticam tal ação, que se mostra tão importante para a empresa. Esse número em relação às demais empresas é consideravelmente pequeno. Mas somados a outras empresas de outras regiões, este percentual só aumenta. Agravando ainda mais a situação das mesmas.

Gráfico 04: Controle das contas a pagar e a receber na QI 07 do Setor de Indústrias do Gama-DF.



Fonte: Dados da pesquisa

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio da pesquisa realizada, se tornou possível tirar conclusões acerca da identidade financeira de algumas empresas situadas na QI 07 do Setor de Indústrias do Gama-DF, no total foram pesquisadas 39 empresas, que remete ao percentual de 48.75% do universo. O que de certa forma, é muito importante para futuros empreendedores, políticos e quaisquer outras pessoas que queiram realizar algum tipo de projeto na área.

Este trabalho identificou vários traços, tanto do perfil econômico, quanto do perfil social do Gama. Atingindo-se, portanto, o objetivo geral abordado no trabalho, que era de identificar se os empresários da QI 07 do Setor de Indústrias do Gama-DF, fazem o uso das práticas da Administração Financeira.

A partir dos dados obtidos com a pesquisa, se fez possível o conhecimento do potencial financeiro da QI 07 do Setor de Indústrias do Gama-DF. Recolhendo assim, dados referentes às receitas e despesas mensais. Um dado, até então, muito complicado de se obter. Pois, quando se trata de valores, os empreendedores tem receio de divulgar este tipo de informação. Em se tratando de conhecimentos específicos da administração financeira, o resultado encontrado foi satisfatório. Mas, demonstrou

que as empresas daquele setor podem crescer com sustentabilidade financeira, porque um percentual considerável de empresas não sabem o que são custo, despesas, estrutura financeira, a maximização dos ativos. O que deixa uma margem para que se ocorra problemas financeiros no futuro.

Em contrapartida, 69,23% delas, não usam uma ferramenta essencial para a sobrevivência, o chamado planejamento financeiro. Que, por sua vez, é o conjunto de atividades voltadas para a prevenção de atitudes a serem tomadas em um futuro próximo, ou nem tão próximo assim. Objetivando alcançar as metas estabelecidas anteriormente.

O controle financeiro das empresas se mostrou um pouco antigo, 43,60% ainda usam a caderneta de anotações, o que é eficaz ao seu modo. Entretanto, corre-se muito risco de esquecer-se de alguma informação. Um grande percentual vem se modificando e informatizando o seu controle. É o caso do sistema informatizado com o total de 33,33%. Mas, ainda 15,38% não obtém nenhuma forma de controle, o que se torna muito perigoso atualmente.

REFERÊNCIAS

BRIGHAM, Eugene F.; EHRHARDT, Michael C. **Administração financeira: teoria e prática**. São Paulo: Cengage Learning, 2006. 1044 p. Tradutor: SALAZAR, José Nicolás Albuja; CUCCI, Suely Sonoe Murai.

HOJI, Masakazu. **Administração financeira e orçamentária**. 8. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2010. 570 p.

LEMES JÚNIOR, Antônio Barbosa; RIGO, Cláudio Miessa; CHEROBIN, Ana Paula Mussi Szabo. 3. ed. **Administração financeira: princípios, fundamentos e práticas brasileiras**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010. 547 p.

ASSAF NETO, Alexandre. **Finanças corporativas e valor**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010. 760 p.

ROSS, Stephen A.; WESTERFIELD, Randolph W.; JORDAN, Bradford D. **Princípios da administração financeira**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2010. 527 p.

QUALIDADE DE VIDA NO TRABALHO DOS FUNCIONÁRIOS TERCEIRIZADOS DA DIRETORIA DE ADMINISTRAÇÃO E FINANÇAS DO DEPARTAMENTO NACIONAL DE INFRAESTRUTURA DE TRANSPORTES DNIT/DF

Maury Chaves da Silva*

Michele Lino Vituriano Silva*

RESUMO

O presente estudo busca analisar a importância da Qualidade de Vida das pessoas no seu ambiente de trabalho. A pesquisa foi realizada na Diretoria de Administração e Finanças do Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes – DNIT, localizado no Setor de Autarquia Norte SAN Q. 03, lote A, CEP: 70040-902 Brasília – DF. A análise dos resultados deu-se através da abordagem qualitativa. Quanto aos meios e aos fins, foram utilizadas a pesquisa de campo e bibliográfica. Os dados foram coletados através de um questionário contendo 13 perguntas fechadas que teve como objetivo verificar a percepção dos colaboradores da empresa sobre a relação da qualidade de vida no trabalho e o desempenho de suas atividades, tendo sido aplicado a 20 colaboradores da Diretoria de Administração e Finanças do DNIT. Conclui-se que a Qualidade de Vida no Trabalho – QVT possui correlação com desempenho das atividades dos funcionários, pois a importância de se ter um ambiente de trabalho tranquilo e adequado é base para o reconhecimento e sucesso de toda e qualquer organização.

Palavras-Chave: Administração. Gestão de Pessoas. Qualidade de Vida no Trabalho.

ABSTRACT

The gift I study she picks analyze the importance from Quality of Life from the people in its environment of I work. The search was realized on Direction of Administration & Finances of the Department National of Infraestrutura of Transportation DNIT , located into the Sector of Autarchy North SAN Q. 03, lot The , Postal code : Brasília – DF. The analysis from the results he gave - if via the approach qualitativa , regarding aos mediums & aos ends have been used the search of field & bibliographic. The dice have been collection via a questionnaire containing 13 questions closed what had I eat objective verify the perception from the collaborator of the company above the relation from quality of life at work & the performance of his activities , I tend was applied the 20 collaborator from Direction of Administration & Finances of the DNIT. It follows that what on the Quality of Life at work – QVT has correlation with acquittal from the activities from the employees , as the importing of if have an environment of I work tranquil & adequate is base about to the recognition & success of all & a organization.

Keywords: Administration. People Management .Quality of Work Life.

Maury Chaves da Silva

Mestre em Teologia. Especialista em Gestão em Serviços e Sistemas de Saúde do Departamento de Enfermagem da Universidade de Brasília (UnB).

Michele Lino Vituriano Silva

Formanda do curso de Administração de Empresas das Faculdades Integradas da União Educacional do Planalto Central - Faciplac.

INTRODUÇÃO

O objetivo central desta pesquisa consistiu em analisar a relação da Qualidade de Vida no Trabalho dos funcionários terceirizados da Diretoria de Administração e Finanças do Departamento de Infraestrutura de Transportes - DNIT e o desempenho dos mesmos junto as suas atividades.

O mundo moderno exige das empresas um enorme esforço para se manterem no mercado. O trabalhador, seja funcionário público de carreira ou terceirizado, carece de um ambiente com qualidade total para desempenhar suas funções satisfatoriamente.

Os colaboradores precisam de qualidade para expressar suas potencialidades físicas e mentais. É preciso que as empresas estejam dispostas a investirem em qualidade de vida no trabalho para que tenham o retorno esperado. A insatisfação, o estresse, a fadiga e tantos outros problemas causados por não terem tempo de conciliar as tarefas profissionais e pessoais podem ser minimizados com a Qualidade de Vida no Trabalho.

Tanto as pessoas como as organizações desejam alcançar seus objetivos. “De um lado, as organizações recrutam e selecionam pessoas para que elas e por meio delas alcancem objetivos (como produção, rentabilidade, qualidade, produtividade, atendimento ao mercado, satisfação do cliente, etc). Todavia, as pessoas recrutadas e selecionadas têm objetivos individuais que lutam para alcançar e, muitas vezes, servem-se da organização para atingi-los mais adequadamente” (CHIAVENATO, 2003 p.132).

Dessa forma, a mola propulsora desse artigo compreende a seguinte questão: qual a relação da Qualidade de vida no trabalho - QVT e o desempenho nas atividades dos funcionários terceirizados da Diretoria de Administração e Finanças do Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes DNIT/DF?

O presente estudo se justifica por suas contribuições para a teórica e a prática nos diversos aspectos da Qualidade de Vida no Trabalho, tendo como *background* o ambiente da Diretoria de Administração e Finanças do Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes – DNIT.

DESENHO DO ESTUDO

Métodos

Trata-se de um estudo exploratório e descritivo, de natureza qualitativa. Optou-se pela abordagem qualitativa, pois além de ser pertinente para o tipo de estudo abordado, a pesquisa feita reflete opiniões e atitudes dos entrevistados.

Concomitantemente, foi usada a pesquisa exploratória e a de campo, pois, “ao invés de, simplesmente observar e registrar a incidência do fenômeno, a pesquisa exploratória busca explorar as dimensões desse fenômeno”. (LAKATOS, 2005 p.54).

O levantamento dos dados foi realizado através de um questionário fechado, isto é, um instrumento constituído de perguntas ordenadas visando alcançar o objetivo que é analisar a Qualidade de Vida no Trabalho e o desempenho de seus funcionários junto as suas atividades.

A coleta de dados se apoiou na aplicação de um questionário a 20 Funcionários da Diretoria de Administração e Finanças de ambos os sexos, contendo 11 perguntas fechadas que proporcionou uma análise contextualizada.

REFERENCIAL TEÓRICO

Segundo Chiavenato (2008 p. 487), “o conceito de qualidade de vida no trabalho - QVT implica em profundo respeito pelas pessoas, para alcançar níveis elevados de qualidade e produtividade, as organizações precisam de pessoas motivadas que participem ativamente nos trabalhos que executam e que sejam adequadamente recompensadas pelas suas contribuições”.

A origem do movimento de qualidade de vida no trabalho começou em 1950, na Inglaterra, com Eric Trist e seus colaboradores. Somente na década de 60, tomaram impulsos, iniciativas de cientistas sociais, líderes sindicais, empresários e governantes, na busca de melhores formas de organizar o trabalho a fim de minimizar só efeitos negativos do emprego na saúde e bem estar geral dos trabalhadores. Entretanto, a expressão qualidade de vida no trabalho só foi introduzida,

publicamente, no início da década de 70 com o novo conceito desenvolvido por Louis Davis.

No contexto da Qualidade de Vida no Trabalho, a ergonomia tem uma grande importância, pois, segundo Néri (2010, p. 09) a ergonomia no trabalho é uma “disciplina científica relacionada ao entendimento das interações entre os seres humanos e outros elementos ou sistemas, e a aplicação de teorias, princípios, dados e métodos e projetos a fim de otimizar o bem estar humano e desempenho global do sistema”.

Nascimento & Moraes (2000, p. 61) referem que no contexto da empresa e dos empregados, muitas são as vantagens do investimento em programas de QVT, especialmente quanto à prevenção de doenças como DORT, estresse, dor na coluna, dentre outros. Em relação à empresa, destacam-se a melhoria de qualidade de vida de seus empregados, a diminuição de gastos com assistência médica por ocorrência de doenças ocupacionais, o menor número de acidentes, a redução do índice de absenteísmo, o aumento de eficiência no trabalho humano, a diminuição da rotatividade no quadro de empregados da

empresa (aproveitamento da qualificação profissional) e o aumento da produtividade.

Para os empregados são destacados aspectos como a diminuição da fadiga e desconforto físico, a diminuição do gasto energético na execução das tarefas, a diminuição do estresse emocional, a diminuição da incidência de doenças ocupacionais, o favorecimento da socialização do trabalhador junto ao grupo de trabalho, a melhoria da qualidade de vida e a maior eficiência no trabalho. Muito se tem falado sobre a qualidade de vida no trabalho. Mas a satisfação no trabalho não pode estar isolada da vida do indivíduo como um todo.

Deve-se ainda lembrar que, o desempenho dos funcionários terceirizados do DNIT está relacionado à Qualidade de Vida no Trabalho – QVT, por isso torna-se mais do que necessário correlacionarmos ambos os aspectos.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

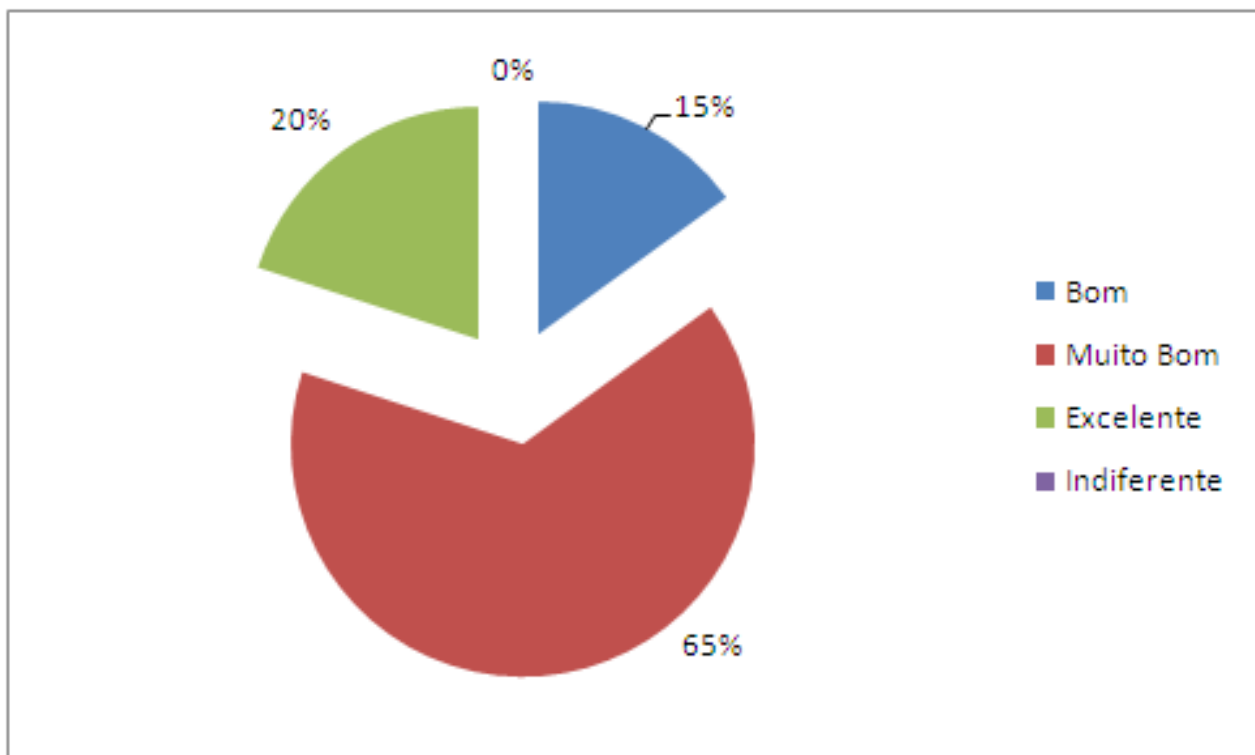
A Pesquisa foi realizada no Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes DNIT/DF, aplicado os questionários aos funcionários terceirizados da Diretoria de

Administração e Finanças, abordando o assunto sobre a Qualidade de vida no Trabalho.

A análise dos dados empíricos, interpretados em formas de gráficos evidenciam aspectos representativos de situações trabalhistas que merecem reflexão no âmbito do bem estar no local de trabalho. Tendo em vista os aspectos mencionados, faz-se necessário julgá-los à luz da questão central da pesquisa, isto é, a Qualidade de Vida no Trabalho - QVT e o desempenho dos empregados envolvidos no processo em estudo.

A abordagem inicial dos entrevistados destacada no gráfico 1, demonstra que a maioria dos entrevistados, isto é, 65% considera muito bom o relacionamento com os colegas de trabalho, sendo que 20% consideram excelente e somente 15% dos entrevistados afirmam ter um bom relacionamento. É notória a satisfação do bom convívio entre eles, questão que influência para o bom desenvolvimento das atividades desenvolvidas entre os mesmos.

Gráfico 01: Relacionamento com os colegas de trabalho? Brasília-DF- 2011.

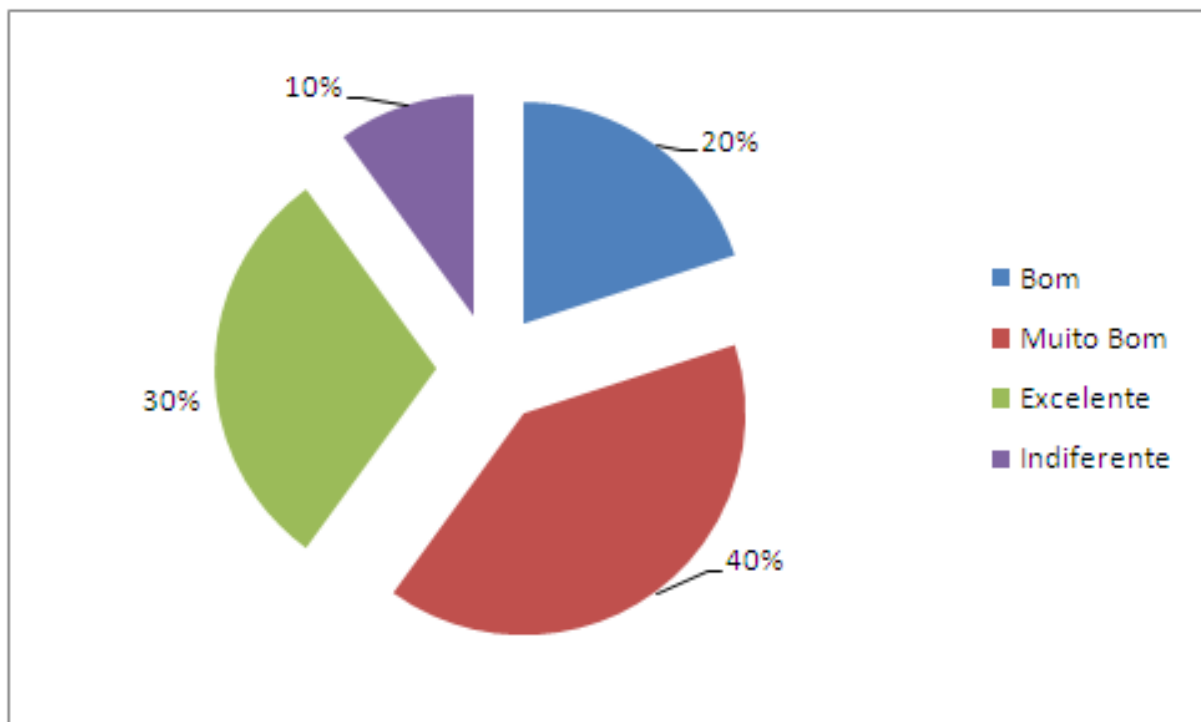


Fonte: Pesquisa dos autores.

Para Maximiano (2010, p. 272) quanto maior a satisfação dos funcionários, mais alta é a qualidade de vida no trabalho”. Conforme o gráfico 2, nota-se que 40% dos funcionários consideram muito bom o relacionamento com sua chefia, entretanto 30% afirmam ter um excelente

relacionamento, e 20% dos entrevistados confirmam ter um bom convívio e outros 10% consideram indiferente. Percebe-se que existe ótimo convívio entre chefias e funcionários, tornando-os mais satisfeitos no desempenho do seu trabalho.

Gráfico 2 - Relacionamento com sua chefia? Brasília-DF- 2011.



Fonte: Pesquisa dos autores.

Na sequência da pesquisa, a ênfase foi quanto ao ambiente de trabalho e de que maneira esse ambiente era estruturado, contribuindo ou não para a satisfação dos funcionários locados naquele departamento.

De certo modo, a análise de Barbosa filho é pertinente no contexto do ambiente de trabalho, satisfação e produtividade no trabalho.

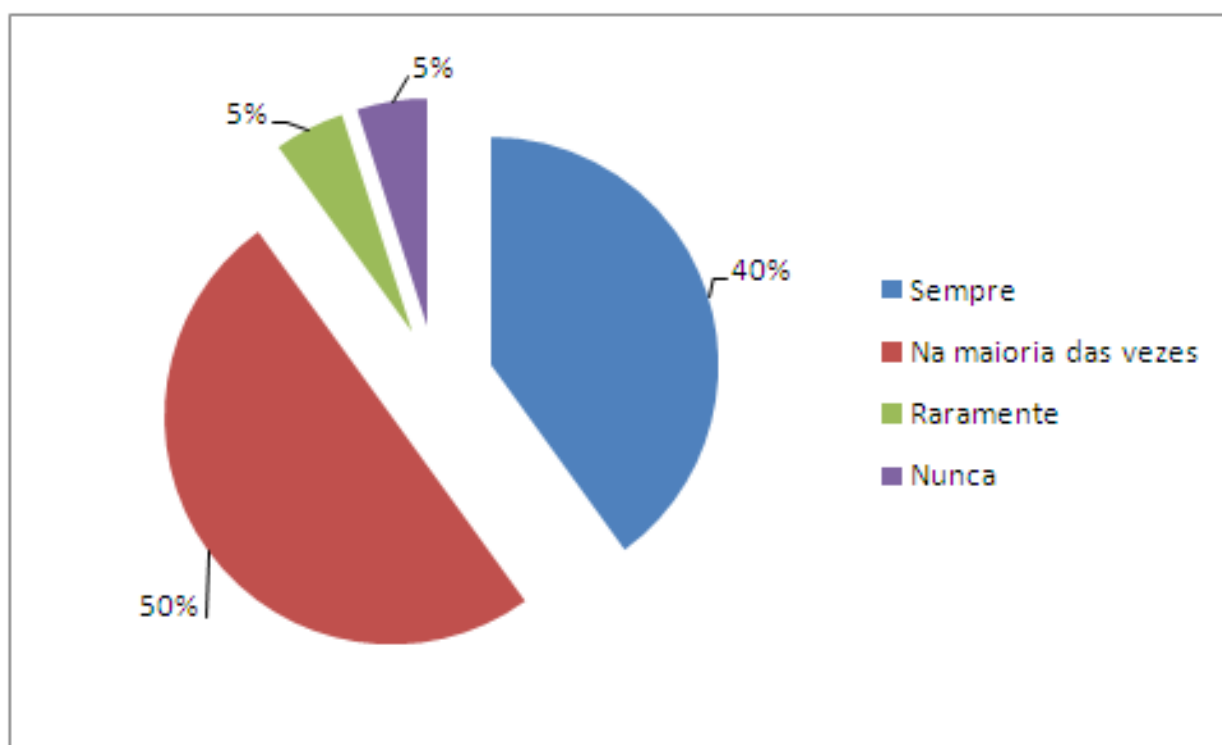
[...] a ciência do conforto humano, a busca do bem-estar, a promoção da satisfação no trabalho, a maximização da capacidade produtiva. Objetivo é proporcionar ao homem condições de trabalho

que lhe sejam favoráveis, com o intuito de torná-lo mais produtivo por meio de um ambiente de trabalho mais saudável confortável e estruturado [...]. (BARBOSA FILHO, 2010 p. 69).

O gráfico 3 mostra que 50% dos entrevistados responderam que na maioria das vezes a empresa

tem oferecido um ambiente de trabalho satisfatório em seu dia-a-dia, por outro lado 40% disseram que sempre o ambiente satisfaz, somente 5% respectivamente afirmaram que o local de trabalho, nunca ou raramente ofereceu um ambiente de trabalho satisfatório.

Gráfico 03: Ambiente de trabalho estruturado e satisfatório no seu dia-a-dia? Brasília-DF- 2011.



Fonte: Pesquisa dos autores.

Os resultados da pesquisa, quanto ao desempenho das atividades dos funcionários terceirizados, podem ser melhor compreendidos na análise do gráfico 4. A maioria dos entrevistados (60%) afirmaram que para ter um bom desempenho de suas atividades

desenvolvidas no trabalho, é preciso ter um bom relacionamento com a chefia. A segunda maior parte, que representa 30% dos entrevistados, disseram que para ter um bom desempenho em suas atividades é preciso ser reconhecido profissionalmente. Os outros 10% ficaram

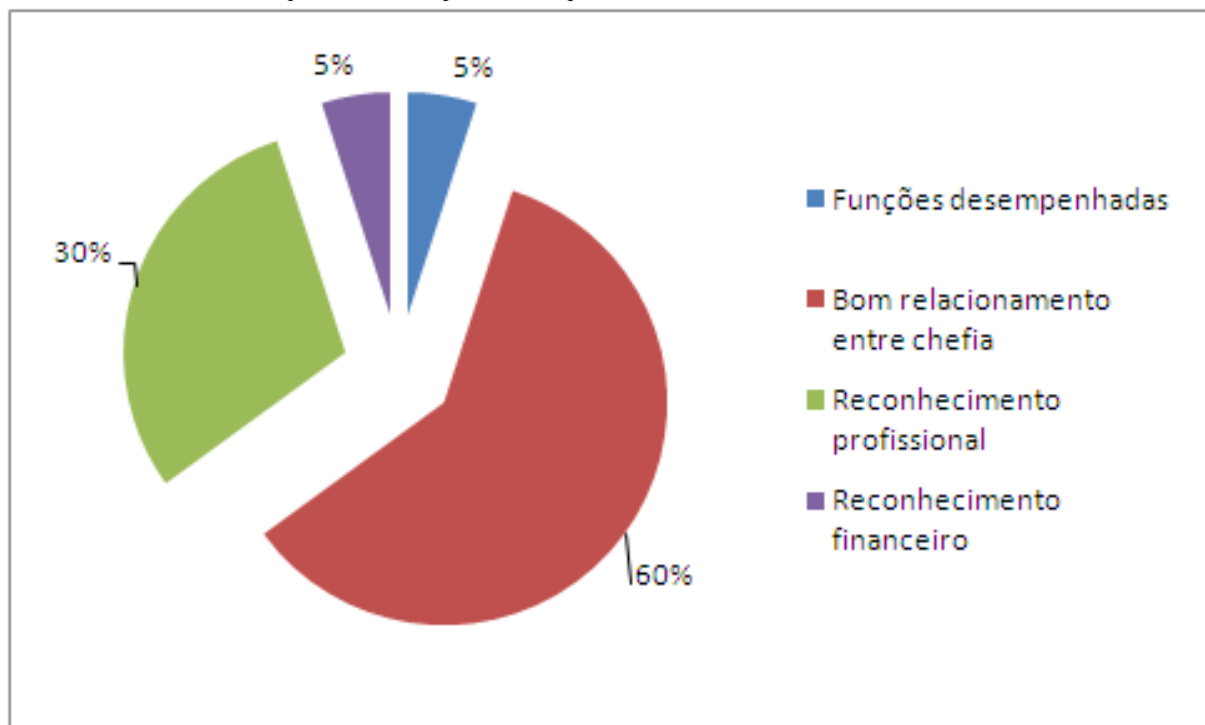
divididos entre as funções desempenhadas e o reconhecimento financeiro que representaram 5% de cada.

Segundo Chiavenato (2008 p. 487) “qualidade de vida no trabalho - QVT implica em profundo respeito pelas pessoas, para alcançar níveis elevados de qualidade e produtividade, as organizações precisam de pessoas motivadas que participem ativamente nos trabalhos que

executam e que sejam adequadamente recompensadas pelas suas contribuições”.

A satisfação no trabalho não pode estar isolada no contexto da vida do indivíduo como um todo. Diversos fatores afetam o desempenho nas atividades e na qualidade de vida no trabalho, daí a importância de se trabalhar em conjunto para ser motivado e ter resultado satisfatório.

Gráfico 04: O que motiva você para o desempenho de suas atividades? Brasília-DF-2011



Fonte: Pesquisa dos autores.

Para Chiavenato, (2010 p. 472) ‘uma definição mais ampla de saúde é o estado físico, mental e social de bem-estar. Essa definição enfatiza as relações entre corpo, mente e padrões sociais. A

saúde de uma pessoa pode ser prejudicada por doenças, acidentes ou estresse emocional’.

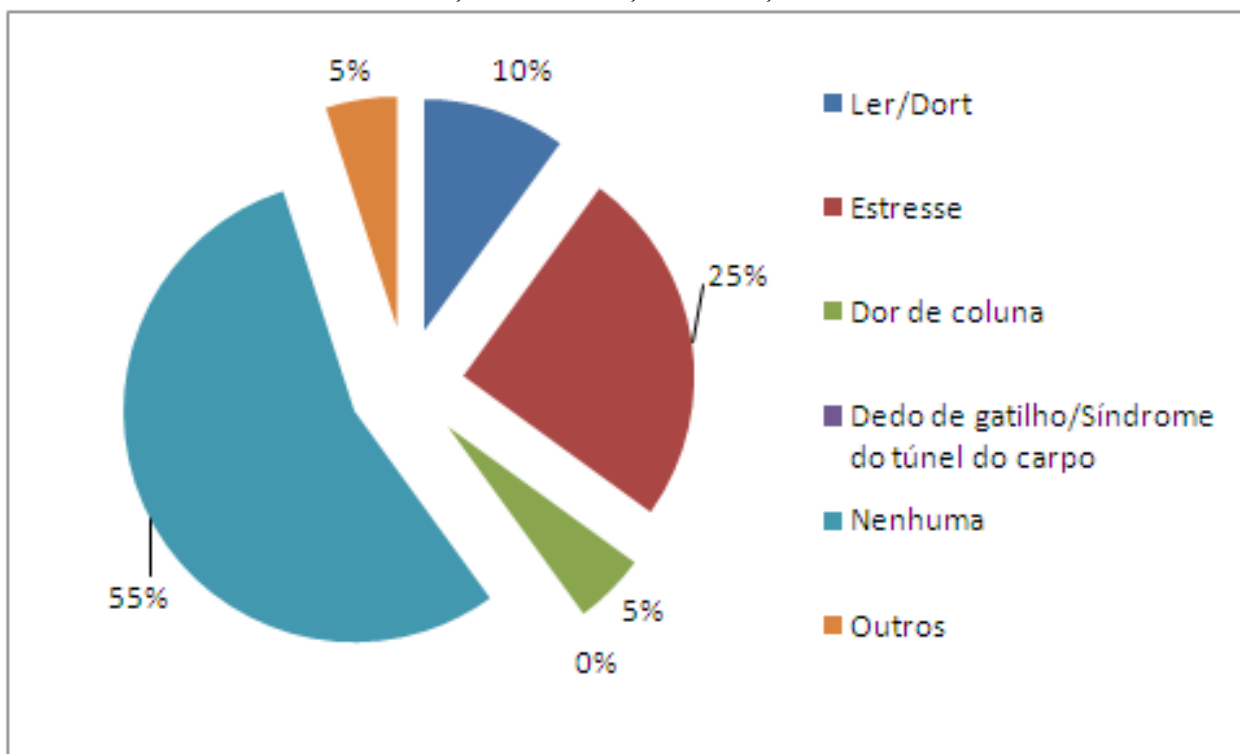
A saúde ocupacional é importante para garantir o bem estar dos trabalhadores, levando em conta a

motivação e satisfação no trabalho. As doenças ocupacionais são decorrentes da exposição do trabalhador aos riscos da atividade que desenvolve. Porém são necessários cuidados e acompanhamento médico para evitar absenteísmos temporários ou até em definitivo.

Percebe-se, no gráfico 5, que 55% dos colaboradores não assinalaram nenhum tipo de

doença específica por conta de suas atividades diárias em seu ambiente de trabalho. Dos entrevistados, 25% afirmam ter desenvolvido o estresse, enquanto 10% assinalaram ter tido doenças como LER e DORT causadas por movimentos repetitivos, e somente 5% afirmam sentir dor na coluna, e 5% indicaram ter outros tipo de doenças.

Gráfico 05: Doença durante a execução de sua função? Brasília-DF-2011



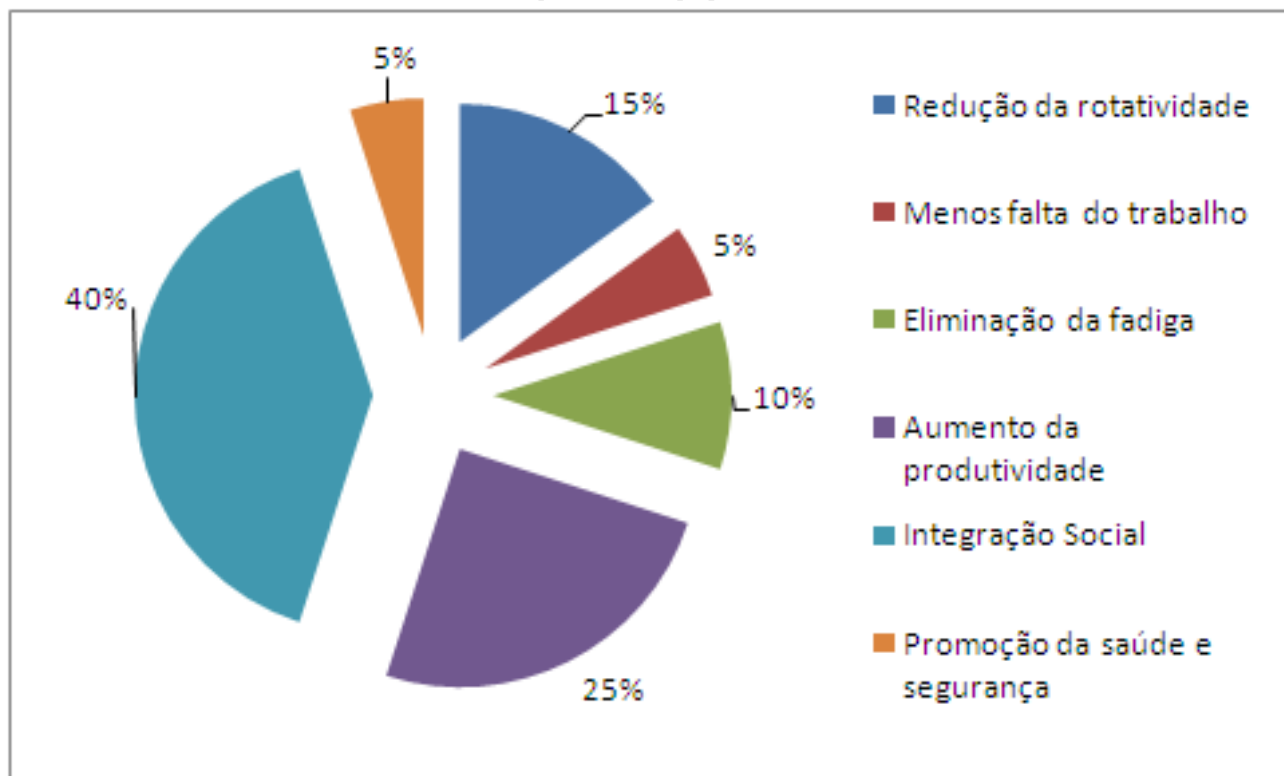
Fonte: Pesquisa dos autores.

Apesar da maioria dos servidores pesquisados não apresentarem doenças ou qualquer tipo de patologias que, direta ou indiretamente, tiveram uma relação com o ambiente de trabalho. Não se pode negligenciar a relevância da qualidade de vida. Mesmo um número menor de trabalhadores que foram afetados em suas funções e desempenhos com qualquer tipo de doenças (estresses, dor de coluna, ler/dort)

merecem ter o respeito e a dignidade, em relação aos mais diversos aspectos de sua saúde, independentemente de qualquer outro valor.

De acordo com o gráfico 6, quanto aos benefícios que a QVT pode proporcionar ao trabalhador, cerca de 40% dos colaboradores afirmaram que a Qualidade de Vida no Trabalho lhe proporcionariam melhor Integração Social, outros 25% disseram que aumentaria sua produtividade junto às suas atividades, 15% concordaram que diminuiriam a rotatividade no trabalho, e apenas cerca 10% afirmaram que eliminariam a fadiga. Somente 5% foram taxativos que haveria menos falta no trabalho, e outros 5% disseram que proporcionariam a promoção à saúde.

Gráfico 06: Benefício que a QVT lhe proporcionaria? Brasília-DF-2011

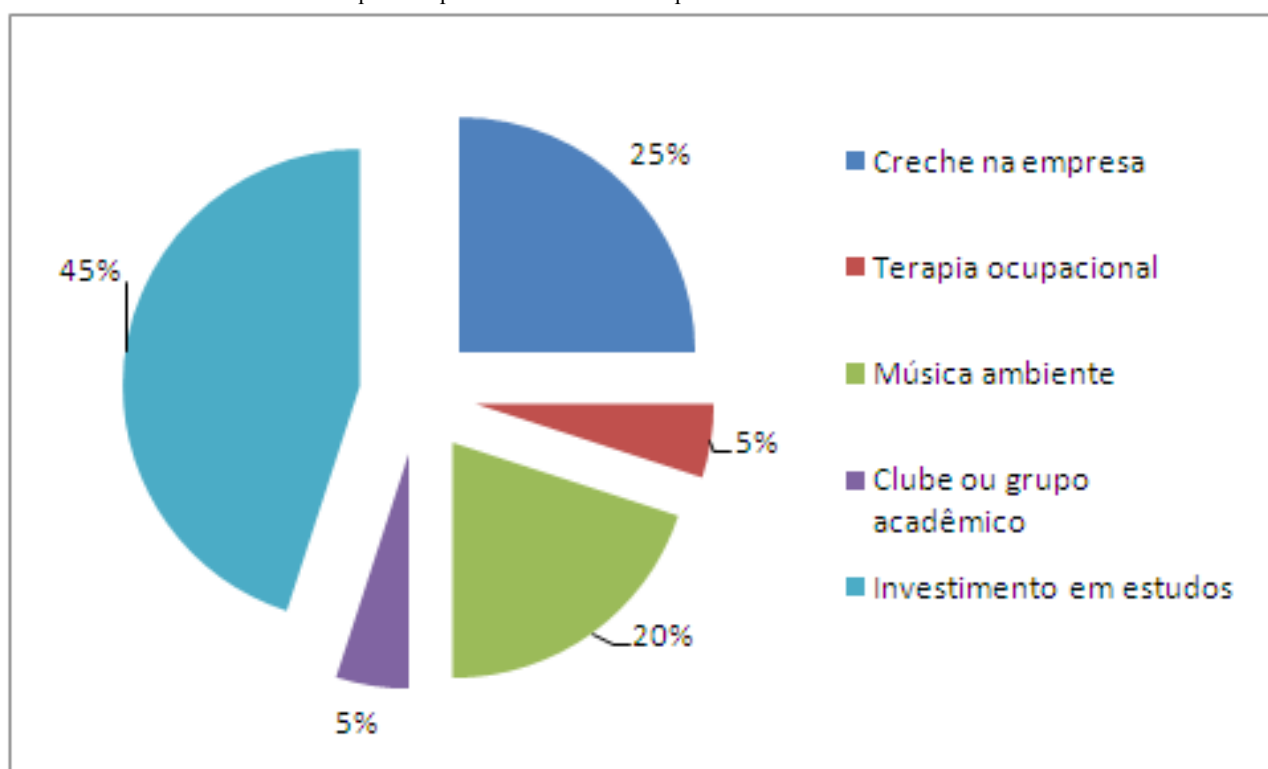


Fonte: Pesquisa dos autores.

Em ambientes de mudanças constantes, para que haja o desenvolvimento integral, as organizações devem não só centralizar seus esforços na satisfação da empresa, mais também, na satisfação do empregado pois, o mesmo estando satisfeito contribui para os resultados positivos da empresa.

O gráfico 7 assinala o que falta aos funcionários para um melhor desempenho em suas funções. Poderam ser identificados que 45% deles afirmaram que falta investimento em estudos, outros 25% concordaram em que ter uma creche no local de trabalho seria muito bom, 20% gostariam de uma música ambiente, e somente 5% disseram que a terapia ocupacional seria relevante para melhoraria no desempenho das atividades exercidas por eles, enquanto que os outros 5% optaram por um clube ou grupo acadêmico dentro da empresa.

Gráfico 07: O que falta para melhorar seu desempenho em suas atividades? Brasília-DF-2011



Fonte: Pesquisa dos autores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

À luz da pesquisa, percebe-se que o Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes DNIT/DF tem oferecido boas condições de trabalho aos seus

funcionários, pois, 50% dos entrevistados disseram que na maioria das vezes a organização tem oferecido um ambiente de trabalho satisfatório em seu dia-a-dia.

Este artigo aponta para uma visão de que os princípios da QVT, uma vez sendo interiorizados na conduta de gestores e colaboradores, só tem a trazer benefícios e bem estar para o trabalhador e todos que o cercam.

Porém, o que chamou mais a atenção é que para o bom desempenho das funções e tarefas dos funcionários terceirizados da Diretoria de Administração e Finanças do DNIT, em relação a QVT, é *conditio sine qua non*, a relação dos funcionários com a chefia e com os próprios colegas. Considerar o ótimo relacionamento importante para o desempenho profissional, é reconhecer que existem fatores motivacionais para o desempenho de suas atividades que estão ligadas a um bom relacionamento entre chefia, afirmação representada por 60% dos entrevistados e reconhecimento profissional que representa 30%.

Enfim, a pesquisa aqui apresentada destaca que as doenças ocupacionais

podem ser um prejuízo para QVT, entretanto no DNIT percebe-se que esse não foi um fator preponderante para um desempenho insatisfatório dos funcionários.

Conclui-se que o desempenho dos funcionários de uma empresa está relacionado diretamente à Qualidade de Vida no Trabalho – QVT, sua correlação é evidente pois a importância de se ter um ambiente de trabalho tranquilo e adequado é base para o reconhecimento e sucesso de toda e qualquer organização. Trabalhador que tem saúde, alegria, necessidades supridas, reconhecimento financeiro e pessoal no ambiente de sua empresa só pode produzir melhor e com imensa qualidade. Recomenda-se à empresa pesquisada que continue a valorizar o clima organizacional, incentivando sempre as relações mútuas de confiança e respeito entre funcionários e chefias, proporcionando assim maior e melhor desempenho dos funcionários em suas tarefas.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Antonio Nunes Filho. **Segurança do Trabalho & Gestão Ambiental**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- CHIAVENATO, Idalberto. **Administração de Recursos Humanos**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- _____. **Gestão de Pessoas**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- _____. **Gestão de Pessoas**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- LAKATOS, Eva Maria; Marina de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2005.
- MAXIMIANO, Antonio César Amaru. **Teoria Geral da Administração da Revolução Urbana à Revolução Digital**. 6. ed. Atlas, 2010.
- NASCIMENTO, N. M. e MORAES, R. A. **S. Fisioterapia nas Empresas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Taba Cultural, 2000.
- NÉRI, Eugenie Desirré Rabelo. **Encarte, Gestão de pessoas na Farmácia Hospitalar e Serviços de Saúde**. 2010.
- Disponível em: Reporte Brasil, <http://www.reporterbrasil.org.br/pergunta.php?id=93> – “O que são doenças ocupacionais” Acesso 10/02/2011.

EDUCAÇÃO SUPERIOR: A CONSTRUÇÃO DA PRÁXIS DO BACHAREL DOCENTE

Reynaldo Castro Júnior*

No início dos anos 90, no Brasil, com a expansão da educação superior, muitas portas foram abertas para novos campos de atuação profissional em diversas áreas, inclusive para os profissionais bacharéis, que optaram pelo exercício da docência. Nesse sentido, o presente artigo busca analisar, partindo do conceito da “práxis”, os desafios no campo da docência. Argumenta-se sobre a relação teoria e prática e a importância dos saberes pedagógicos necessários ao docente da educação superior.

Palavras-Chave: Educação superior, Bacharel, Docência, Práxis, Saberes pedagógicos.

Reynaldo Castro Júnior

Mestre em Educação pela Universidade de Brasília – UnB, professor nos cursos de Administração de Empresas, Gestão de Marketing, Gestão de Recursos Humanos e Pedagogia Empresarial e docente nas Faculdades Integradas da União Educacional do Planalto Central – FACIPLAC.

INTRODUÇÃO

Promover a aprendizagem dos alunos deve ser o compromisso primeiro dos docentes. É preciso criar condições para que os alunos se desenvolvam. Apontar perspectivas não é suficiente, pois as ações docentes devem estar impregnadas de objetividade e compromisso.

A responsabilidade dos alunos, enquanto sujeitos da sua própria formação, se materializa no momento em que estes se mostrarem motivados, disciplinados e, sobretudo, curiosos para aprender. A curiosidade como inquietação indagadora cria, entre alunos e professores, um compromisso mútuo e o benefício do conhecimento.

Nesse contexto, parece necessário compreender que a ação fundamental dos docentes da educação superior não se vincula apenas à disciplina com a qual trabalham, mas ao compromisso com a formação. Para tanto, a educação continuada dos professores constitui-se em uma contribuição essencial para a boa qualidade do processo educativo. O importante não é apenas dominar bem os conteúdos, mas compreender como são organizados e integrados

a um conjunto significativo de conhecimentos já existentes e a serem construídos.

Embora na educação superior, em especial nos bacharelados, pareça predominar a visão de que a docência esteja pautada na reprodução de conteúdos, não há dúvidas, estamos diante da necessidade de uma expressiva mudança, seja das características da dedicação dos professores ao seu trabalho, seja das exigências impostas a eles pelas instituições de educação. Na visão de Zabalza (2004), as funções formativas convencionais, que significam ter um bom conhecimento sobre a matéria e saber explicá-las, foram se tornando, com o passar do tempo, mais complexas e desafiadoras.

Por mais que queiramos, não podemos identificar no vazio os saberes próprios ao ensino; devemos levar em conta o contexto complexo e real em que a docência evoluiu, caso contrário, os saberes isolados corresponderão à formalização de um ofício que não existe. Nesse contexto, é pertinente conceber a docência como a mobilização de vários saberes que formam uma espécie de reservatório no qual o professor se abastece para responder a exigências específicas de sua atuação.

O docente da educação superior busca apoio em experiência, tradição e bom senso. Todavia sabemos que, para profissionalizar a educação, torna-se essencial identificar e compreender princípios pedagógicos. Se o professor é um agente de primeira importância na busca da excelência educacional e se o desvelamento dos saberes que ele utiliza é uma condição para a profissionalização, devemos primeiramente identificar o repertório de conhecimentos próprios ao ofício de professor.

O sistema educacional brasileiro encontra-se diante de exigências, expectativas e desafios sem precedentes. Na educação superior, e mais especificamente para os docentes, essa situação crítica repercute com grande força. As pessoas se interrogam cada vez mais sobre o valor da educação e seus resultados efetivos. Exige-se, cada vez mais, que os docentes detenham conhecimentos pedagógicos capazes de lidar com os inúmeros desafios apresentados nesse nível de educação.

SABERES PEDAGÓGICOS – UMA CONSTRUÇÃO

Ao refletir sobre a prática docente, Pimenta (2005) nos lembra que as discussões a respeito do processo de ensino e aprendizagem acompanham a trajetória dos professores há alguns anos. Mais recentemente, as pesquisas sobre a educação superior têm revelado alguns fatores intrínsecos ao ensino nesse nível de escolaridade, os quais explicam alguns de seus problemas, como a evasão, a desistência e os resultados insatisfatórios de aprendizagem.

Dentre outros fatores, como os de natureza socioeconômica, Pimenta (2005) aponta três grupos considerados relevantes nesses estudos: os referentes a uma concepção

tradicional do ensino, ao universo cultural dos alunos e os referentes às condições de trabalho dos docentes na educação superior. Essas questões nos remetem a uma reflexão sobre a competência do professor e à qualidade da educação oferecida.

Rios (2006), analisando o conceito de qualidade, ressalta que a competência vai sendo construída, a partir mesmo da práxis, do agir concreto e situado dos sujeitos, ao passo que as qualidades que a compõem apresentam-se como um conjunto de requisitos que não fazem parte, em sua totalidade, do desempenho de cada indivíduo e sua possibilidade é verificada na

própria realidade. Nesse sentido, a formação continuada dos educadores significa uma ampliação constante de sua competência e esta, na visão da autora, não se adquire de uma única vez, pois nos tornando competentes com o tempo e nunca estamos prontos definitivamente.

Podemos aqui nos valer também das ideias de Vázquez (1977), que na perspectiva da teoria e prática, contribui com suas reflexões sobre a práxis. Para o autor, toda práxis é atividade, mas nem toda atividade é práxis. Advertindo contra qualquer tentativa de se estabelecer um sinal de igualdade entre atividade e práxis, ressalta que:

[...] a práxis se nos apresenta como uma atividade material, transformadora e ajustada a objetivos. Fora dela, fica a atividade teórica que não se materializa, na medida em que é atividade espiritual pura. Mas, por outro lado, não há práxis como atividade puramente material, isto é, sem a produção de finalidades e conhecimentos que caracteriza a atividade teórica. (1977, p.208).

As relações entre teoria e prática podem ser formuladas no plano histórico-social, caracterizadas pelas formas peculiares de comportamento do homem e nas atividades

práticas, caracterizadas pela produção de um objeto útil, como a criação de uma obra de arte e instauração de novas relações sociais.

Conforme nos aponta o autor, a teoria não corresponde apenas às exigências e necessidades de uma prática já existente. Se assim fosse, não poderia adiantar-se a ela e, portanto, influir em seu desenvolvimento, o que nos obriga a examinar as relações entre uma teoria já elaborada e uma prática que ainda não existe. Com efeito, segundo o autor, o homem pode sentir a necessidade de novas atividades práticas transformadoras para as quais precisa do necessário instrumental teórico.

Ainda na visão do autor, a história da teoria (do saber humano em seu conjunto) e da práxis (das atividades práticas do homem) são abstrações de uma só e verdadeira história: a história humana. É uma prova de mecanicismo dividir abstratamente em duas partes e depois tentar encontrar uma relação direta e imediata entre um segmento teórico e um segmento prático.

Essa relação não é direta nem imediata, fazendo-se por meio de um processo complexo, no qual, algumas vezes, se passa da prática à

teoria, e outras, desta à prática. Aí reside uma das contribuições significativas de Vasquez para nos ajudar a melhor compreensão dos processos educativos na educação superior, comparando com um sistema educacional, por vezes repetitivo, no qual os saberes pedagógicos não se manifestam, e o pragmatismo exacerbado ganha campo fértil, frustrando as expectativas e necessidades do corpo discente.

Um aspecto relevante na realização do trabalho dos bacharéis refere-se ao ensino como prática reflexiva. Nesse sentido, segundo Pimenta (2005), diversos autores têm apresentado preocupações quanto ao desenvolvimento de um possível “praticismo” daí decorrente, para o qual bastaria a prática para a construção do saber docente. O saber docente não é formado apenas da prática, sendo também nutrido pelas teorias da educação. Estas têm importância fundamental na formação dos docentes que são bacharéis em sua formação inicial, dotando-os de conteúdos variados que permitam uma ação pedagógica contextualizada, oferecendo perspectivas de análise para que os professores compreendam os contextos históricos, sociais, culturais,

organizacionais e de si próprios, como profissionais.

Para Pimenta (2005), a práxis é aquela que age orientada por uma dada teoria e tem consciência de tal orientação. Teoria e prática são processos indissociáveis. Separá-los é arriscar demasiadamente a perda da própria possibilidade de reflexão e compreensão, constitui-se na negação da identidade humana. A autora destaca que o ser humano age orientado para determinados fins, sejam eles plenamente consciente ou não. A prática implica a modificação do ideal em face das exigências do próprio real. A prática requer um constante vai-e-vem de um plano a outro, o que só pode ser assegurado caso a consciência se mostre ativa ao longo de todo o processo prático. Ampliando a reflexão, Vázquez assim se coloca:

As modificações impostas às finalidades das quais se partiram para encontrar uma passagem mais justa do subjetivo ao objetivo, do ideal ao real, só fazem demonstrar, ainda mais vigorosamente, a unidade entre o teórico e o prático na atividade prática. Esta, como atividade, ao mesmo tempo subjetiva e objetiva, como unidade do teórico com o prático na própria ação,

é transformação objetiva, real, na matéria através da qual se objetiva ou realiza uma finalidade: é, portanto, realização guiada por uma consciência que, ao mesmo tempo, só guia e orienta [...] na medida em que ela mesma se guia ou orienta pela própria realização de seus objetivos (1977, p. 243).

Depreende-se das ideias do autor que a prática pedagógica é, então, a própria práxis, uma vez que se exige unidade entre teoria e prática e uma participação ativa da consciência de todo o processo. É regida por um processo prático, pois tem como fim a transformação do real em que o teórico tem papel fundamental. Na educação superior, é desejável que a ação do professor esteja embasada em uma sólida fundamentação, pois pressupõe uma finalidade, a formulação de objetivos, de um projeto e um conhecimento da realidade, do contexto mais amplo ao mais imediato, uma consciência vigilante para modificar a realidade em busca do objetivo. A prática pedagógica não se limita ao fato de ser ela uma atividade humana. Além disso, é uma prática social porque tem o homem como sujeito e objeto de sua ação transformadora.

Segundo Castanho (2000), há algum tempo, a literatura educacional fala do docente e das características que o tornam uma presença importante na vida e na memória dos alunos. A autora procura levantar o que seria o professor ideal baseado em características de docentes com os quais conviveu. Considera que, embora haja sempre exceções, existem três grupos principais de qualidade: técnicas (experiência no campo pedagógico, experiência no campo em que ensina, e o conhecimento amplo da matéria ou matérias que leciona), físicas (saúde, higiene e asseio pessoais) e morais (sentimento do dever, respeito à pessoa humana).

Na concepção da autora, o professor marcante geralmente alia características positivas do domínio afetivo às do domínio cognitivo. Um bom professor é descrito como aquele que estimula a independência do aluno, é cordial e amigável em classe, cria condições para uma visão crítica da sociedade e da profissão, demonstra segurança e domínio de si, estimula a participação, valoriza o diálogo, organiza o ensino sem se considerar o “dono do saber”, é autêntico e verdadeiro.

De fato, o ensino se exerce no terreno do humano, no terreno das ideias, sentimentos, percepções e emoções. O professor que marca seus alunos é geralmente aquele cujas ações e palavras repercutem positivamente neles. Não podemos nos esquecer de que cada palavra dita é carregada de significações e irá repercutir diferentemente na estrutura cognitiva de cada aluno, dependendo de sua história pessoal quando da aquisição de cada conceito.

Essas reflexões nos levam a entender que, apesar de não haver receitas para solução de problemas pedagógicos, o que se condena é a aula reprodutiva. Nesse aspecto, Demo (2000), discorre sobre as inconveniências desse tipo de aula, que reduz o aluno a ouvinte, impedindo que ele reconstrua as propostas de trabalho, porque já as recebe prontas, não possibilitando, conseqüentemente, a formação da autonomia. O autor é severo em sua crítica:

Escutar professor, tomar nota e fazer prova indicam, hoje, a falência total do sistema educativo, porque não há nada de educativo nisso. O que sempre houve e persiste é o poder do professor de aprovar e reprovar os alunos. Se esse poder não existisse, talvez grande parte dos

professores ficasse nas salas de aula falando sozinhos (2000, p.85).

Castanho (2000) aponta que o processo de ensino e aprendizagem se realiza pela produção, pela sistematização e pela divulgação do conhecimento, atividades que pressupõem um relacionamento íntimo e contínuo com o acervo cultural da humanidade. Esse acervo nos fica disponível graças à linguagem escrita, acessível por meio da leitura.

Nesse sentido, Freire e Shor (1987, p. 22), ao relatar suas experiências com alunos da educação superior no incentivo à leitura e compreensão de textos, nos diz que ler não é só caminhar sobre as palavras, e também não é voar sobre as palavras. Ler é reescrever o que estamos lendo. É descobrir a conexão entre o texto e o contexto do texto, e ainda como vincular o texto/contexto com nosso contexto. Para os autores, a crítica cria a disciplina intelectual necessária, fazendo perguntas ao que se lê, ao que está escrito, ao livro, ao texto.

De modo geral, um componente curricular vale pelo conteúdo que aborda, aprofunda e discute. Docentes para ministrá-lo são selecionados e contratados pelo domínio

teórico e experimental que possuem sobre seu conteúdo. É aceita a crença de que quem sabe o conteúdo sabe transmiti-lo, como se o processo educativo fosse reduzido à transmissão.

Para Masetto (2003), o caráter de “absoluto” ou de “principal” do conteúdo das disciplinas ministradas na educação superior requer clareza sobre o perfil e as características do profissional para cuja formação está contribuindo. Recomenda, ainda, a seleção de conteúdos atualizados, integrados e bem relacionados com outras disciplinas. Além desses aspectos, o autor destaca que o exercício da dimensão política é imprescindível no exercício da docência na educação superior. Segundo Masetto, o professor, ao entrar na sala de aula para ensinar uma disciplina, não deixa de ser um cidadão, alguém que faz parte de um povo, de uma nação, que se encontra em um processo histórico e dialético, que tem uma visão de homem, de mundo, de sociedade, de cultura e de educação. É um cidadão, um “político”, alguém compromissado com seu tempo.

Zabalza contribui com essa discussão, ao colocar em evidência uma questão de igual importância, apenas aqueles docentes

comprometidos com o processo de melhoria da sua prática alcançarão sucesso em suas carreiras acadêmicas:

[...] a carreira acadêmica docente e os estágios profissionais, pelos quais se passa desde que se começa a trabalhar na educação superior, são um fator importante tanto do ponto de vista psicológico como profissional. Somente quem possui expectativas elevadas de crescimento e melhora profissional está em condições de se esforçar para alcançá-la. (2004, p. 135).

Outro ponto importante e necessário é que a carreira acadêmica não seja linear, mas que haja sucessivas progressões ou melhorias. Igualmente necessário é que esse progresso esteja associado a méritos profissionais. Em alguns casos, o salto de uma categoria para a imediatamente superior vincula-se apenas a critérios burocráticos ou a simples critérios de antiguidade. A carreira docente não só tem importância pelo que tange ao desenvolvimento pessoal e profissional de seus agentes, como também pelo que tange ao próprio funcionamento da Instituição de Educação Superior.

Na visão de Anastasiou e Alves (2005), um dos elementos básicos de discussão da ação

docente refere-se ao aprender a apreender, onde apreender significa segurar, prender, pegar, assimilar mentalmente, entender, compreender, agarrar. Não se trata de um verbo passivo; para apreender é preciso agir, exercitar-se, informar-se, tomar para si, apropriar-se, entre outros fatores. O verbo aprender, derivado de apreender, significa tomar conhecimento, reter na memória mediante estudo, receber a informação de alguém. É preciso distinguir quais ações estarão presentes na meta que estabelecemos ao ensinar. Se for apenas receber a informação, bastará passá-la por meio da exposição oral. Nessa perspectiva, uma boa palestra é suficiente para a transmissão da informação.

Destacamos um ponto de concordância da visão da autora com Imbernón (2004), quando ressalta que predomina nas instituições de educação superior a idéia de que ensinar é apresentar ou explicar o conteúdo numa exposição. Toma-se, assim, a simples transmissão da informação como ensino, e o professor como

fonte de saber, tornando-se o portador e a garantia da verdade. Porém é importante lembrar que a aprendizagem não ocorre de forma espontânea nem automática.

Veiga (2002) analisa especificamente a aula na educação superior, como espaço possível de inovação nos processos de ensinar, aprender, avaliar e pesquisar, destacando que a aula universitária é a concretude do trabalho docente propriamente dito que ocorre com a relação dialógica entre professor e alunos. Esse momento de docência, na visão da autora, é o locus produtivo da aprendizagem é, também, produção por excelência. O resultado do ensino é a construção do novo e a criação de uma atitude questionadora, de busca e inquietação, sendo local de construção e socialização de conhecimento e cultura. O objetivo essencial da educação volta-se, assim, para a construção do conhecimento mediante o processo de aprendizagem do aluno.

SABERES E PRÁTICAS DOCENTES - PROJETO POLÍTICO-PEDAGÓGICO

Na análise das estratégias de ensino na educação superior, Anastasiou e Alves (2005, p. 68) manifestam algumas preocupações ante a atuação dos docentes em sala de aula. Considerando que os alunos, a cada ano, chegam à educação superior trazendo novas e diferenciadas experiências em sua história de vida, não se pode atuar na “formatação” da aula utilizando os mesmos métodos que chegaram com o descobrimento do Brasil.

Trabalhar as relações, a construção de quadros teórico-práticos previstos nos currículos da educação superior, altamente complexos e superar a forma tradicional de relação entre professor, alunos e conhecimento parece ser o caminho mais acertado. Para a autora, a primeira atenção se volta aos termos habitualmente utilizados para se referir aos meios ou processos que o docente utilizará na aula; encontram-se as palavras: técnicas, estratégias ou dinâmicas de trabalho em sala de aula, usadas como sinônimos. Para efeito de análise, a autora pontua os aspectos referentes a esses termos:

- Estratégia: do grego *strategía* e do latim *strategia*, arte de aplicar ou explorar os

meios e condições favoráveis e disponíveis, com vista à consecução de objetivos específicos.

- Técnica: do grego *technikós*, relativo à arte; refere-se à arte material ou ao conjunto de processos de uma arte, maneira, jeito ou habilidade especial de executar ou fazer algo.
- Dinâmica: do grego *dynamikós*, diz respeito ao movimento e às forças, ao organismo em atividade ou, ainda, à parte da mecânica que estuda os movimentos.

Sabemos que as estratégias e técnicas de ensino na educação superior ganham visibilidade e efetividade a partir de uma articulação orgânica entre professores, disciplinas, alunos, horários de disciplinas, carga horária e uso dos espaços e recursos existentes na Instituição. Essa articulação, via de regra, é realizada por intermédio do Projeto Político-pedagógico que propicia um processo permanente e dinâmico de ação e reflexão dos seus diversos membros.

Veiga (2004), ao abordar acerca das questões referentes ao projeto político-

pedagógico, lembra-nos de que compreender o significado de um projeto implica considerar que vivemos uma civilização de projetos, e que o próprio vocábulo “projeto” é utilizado em diferentes contextos e situações. É comum, segundo a autora, a afirmação de que o projeto sempre existe, embora nem sempre esteja necessariamente explicitado. Essa não-explicitação não só propicia como assegura a manutenção de atitudes autoritárias por meio de orientações prescritivas e instituídas. Na visão da autora, o projeto pode ser analisado em diferentes níveis: institucional, acadêmico (de curso) e de ensino e aprendizagem (pedagogia de projeto).

A fim de exprimir a especificidade do projeto, a pesquisadora destaca que é necessário considerar três pontos básicos:

- O projeto como antecipação, pois o prefixo pro significa antes. A palavra vem do latim projectu, participio passado do verbo projicere, que significa “lançar para diante”. Assim significa “dirigir-se para o futuro”, “lançar-se na direção do possível”.
- O projeto tem uma dimensão utópica, que significa o futuro “a fazer”, um possível a

se transformar em real, uma idéia a transformar-se em ato. O projeto se compromete com o futuro; [...] sintetiza com muita clareza essa dimensão, ao afirmar que a utopia “explora novas possibilidades e vontades humanas, por meio da oposição da imaginação à necessidade do que existe”. Nesse sentido, a utopia será sempre algo realizável num futuro próximo, um tornar possível, uma possibilidade de existência. Essa perspectiva reforça o caráter político da educação e valoriza o papel da universidade e do projeto político-pedagógico voltado para o desenvolvimento de um projeto histórico de transformação da ordem social.

- Por ser uma construção coletiva, o projeto tem efeito mobilizador da atividade dos protagonistas. Quando concebido, desenvolvido e avaliado como uma prática coletiva gera fortes sentimentos de pertença e identidade. Vale reiterar que o projeto político-pedagógico não existe sem um forte protagonismo dos professores, pesquisadores e alunos, e sem que estes dele se apropriem. Para

tanto, deveremos usar os princípios de flexibilidade e da autonomia, de modo a desenvolver identidades mais distantes da padronização burocrática, capazes de instituir e implementar projetos político-pedagógicos próprios.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A discussão sobre o universo formativo do professor da educação superior e o levantamento de possíveis soluções a respeito dos problemas que circundam esse grupo, não tem sido tarefa fácil, frente à realidade da Educação no Brasil. A forma como a educação superior tem sido apontada pelas políticas públicas Nacionais e Internacionais e sua mercantilização condicionam muitas vezes a conduta dos professores que assumem a formação e a autoformação na academia.

A formação inicial para uma profissão, em área que não a da educação, revela que a formação para a docência está associada ao locus de exercício dos professores, dessa forma, trata-se de uma circunstância que precisa estar atrelada a políticas institucionais

As especificidades apresentadas são pertinentes e válidas, porém, cada vez mais, se impõe uma participação mais ativa dos docentes na sua elaboração, adequação e acompanhamento, sob pena de se tornar um instrumento desconhecido e conseqüentemente não observado.

e ao desenvolvimento de projetos consistentes voltados para essa formação. E é nessa ótica que podemos considerar a formação continuada como uma possibilidade do professor manter-se atualizado, tanto frente ao campo de conhecimento da área, como no diálogo com aspectos pedagógicos. Essa possibilidade pode contribuir para minimizar momentos tensivos frente a possíveis limitações formativas. Acordar o professor na educação superior é um ritual de passagem, que requer cuidados específicos no sentido de desnudar uma singularidade.

Assim, a construção dos saberes pedagógicos dos bacharéis ocorre ao longo de um processo contínuo. Trata-se de uma construção que não pode centrar-se em verdades absolutas, pois há momentos de

estagnação, dúvida, desânimo e reconstruções por parte dos docentes, na condução dos processos educativos. Se a capacitação pedagógica dos bacharéis docentes aparece como condição importante para a elevação da qualidade da educação superior, faz-se necessário propostas e projetos que respondam a cada realidade, com suas especificidades e necessidades. É fundamental

que as ações façam sentido para o grupo de docentes.

Longe da pretensão de esgotar o tema no presente artigo, aponta-se para a necessidade de novas investigações e aprofundamentos, não somente do tema proposto, mas de todos aqueles que permeiam o trabalho tanto do bacharel docente como dos demais docentes da e na educação superior.

REFERÊNCIAS

ANASTASIOU, Léa das Graças Camargos, ALVES, Leonir Pessate (Orgs.). **Processos de ensinagem na universidade: pressupostos para as estratégias de trabalho em aula.** Joinville, SC: Univille, 2005.

CASTANHO, Sergio & CASTANHO, Maria Eugênia L M. (Orgs.). **O que há de novo na Educação Superior** – do projeto pedagógico à prática transformadora. Campinas, SP: Papyrus, 2000.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e Ousadia** – o cotidiano do professor. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação docente e profissional.** São Paulo: Cortez, 2004.

MASETTO, Marcos Tarciso. **Competência Pedagógica do Professor Universitário.** São Paulo: Summus, 2003.

PIMENTA, Selma Garrido. **Docência no ensino superior.** São Paulo: Cortez, 2005.

RIOS, T. A. **Compreender e ensinar: por uma melhor docência da melhor qualidade.** São Paulo: Cortez, 2006.

VÁZQUEZ, Adolfo Sanchez: **Filosofia da práxis.** Tradução de Luiz Fernando Cardoso. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. **Educação Superior: Projeto Político Pedagógico.** Campinas, SP: Papiros, 2004.

ZABALZA, Miguel A. **O Ensino Universitário: seu cenário e seus protagonistas.** Porto Alegre: Artmed. 2004.